



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Arquitetura sob(re)água reativar e habitar as margens do
Alqueva através dos banhos fluviais**

SOFIA DANIELA FREITAS COUTO

Orientador(es) | Pedro Pacheco

Sofia Salema

Évora 2020





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Arquitetura sob(re)água reativar e habitar as margens do
Alqueva através dos banhos fluviais**

SOFIA DANIELA FREITAS COUTO

Orientador(es) | Pedro Pacheco

Sofia Salema

Évora 2020





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

- Presidente | João Barros Matos (Universidade de Évora)
- Vogal | Rui Miguel Simões Gonçalves Mendes (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | Sofia Salema (Universidade de Évora)



ARQUITECTURA SOB(RE) ÁGUA
Reactivar e habitar as margens do Alqueva através dos banhos fluviais

Sofia Daniela Freitas Couto N°27870

JÚRI

Presidente: Professor Doutor João Barros Matos
Vogal: Arquitecto Rui Mendes
Vogal-orientador: Professora Doutora Sofia Salema

Orientadora: Professora Doutora Sofia Salema
Co-orientador: Arquitecto Pedro Pacheco
Universidade de Évora - Mestrado Integrado em Arquitectura

Évora, Fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

Ao arquitecto Ruy Renaud pela disponibilidade e partilha enriquecedora para o bom desenvolvimento deste trabalho.
Ao arquitecto Pedro Pacheco, professor de projecto e orientador, pelas sábias conversas.
À arquitecta Sofia Salema, professora de projecto e orientadora, pelo excelente apoio e motivadora disposição.
Aos meus amigos, pelo entusiasmo em querer sempre voltar com mais vontade de trabalhar.
Ao João, por estar sempre presente.
À Carolina, pelos conselhos.

Aos meus pais e irmão, por tudo.

Este documento não obedece ao novo acordo ortográfico.

Os elementos gráficos deste documento foram realizados pela autora, com base no trabalho desenvolvido pelos alunos de Projecto Avançado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora, entre 2013 e 2014. *"Alqueva, paisagem como tema"*

RESUMO

ARQUITECTURA SOB(RE) ÁGUA

Reactivar e habitar as margens do Alqueva através de banhos fluviais

Este trabalho debruça-se sobre um projecto de arquitectura que aborda a modificação da paisagem do Vale do Guadiana com a construção da barragem do Alqueva, e como contagiou a margem, principalmente o que se relaciona com os espaços de margem para banhos. Através desta abordagem pretende-se entender que tipo de arquitectura está associada ao tema da água, onde foram levadas memórias, e perdas empáticas com estes espaços numa vertente lúdica. Posteriormente a esta fase, é criado um diário de investigação que se apresenta numa base teórica que fundamenta todo o processo de trabalho onde surge a análise deste território de margens à procura da resposta para reactivar e reabilitar estes espaços de oportunidade, desenvolvendo um programa de banhos nos mesmos.

Palavras-chave: Alqueva; Espaços de margem; Banhos; Arquitectura; Reactivar.

ABSTRACT

WATER ARCHITECTURE

to revive and inhabit the banks of the Alqueva through the river baths

This work is about an architectural project that deals with the modification of the landscape of the Guadiana Valley with the construction of the Alqueva dam, and how it affected the margin, especially what is related to the spaces for bathing. Through this approach we intend to understand what kind of architecture is associated with the theme of water, where memories were taken, and lost empathies with these spaces in a playful way. Subsequent to this phase, a research diary is created that presents itself on a theoretical basis that focus the whole work process where the analysis of this territory of margins arises in search of the answer to reactivate and rehabilitate these spaces of opportunity, developing a program of baths in question.

Keywords: Alqueva; Margin spaces; Baths; Architecture; Reactivate.

ÍNDICE

	Agradecimentos
	RESUMO/ABSTRACT
012	INTRODUÇÃO
014	Objecto
014	Objectivo
015	Estado de Arte
016	Metodologia
018	O LAGO DO ALQUEVA
020	O PROJECTO DA ALBUFEIRA DO ALQUEVA
024	AS ALDEIAS RIBEIRINHAS
026	AS MARGENS
030	Monsaraz
032	Campinho
034	Amieira
036	Estrela
038	Luz
040	Mourão
042	AS ILHAS
044	PROBLEMÁTICA
046	Culturalização Pós-Alqueva
048	Artificialização das margens
050	MEMÓRIA DO GUADIANA
052	A ALDEIA DA LUZ
	Do lugar submerso à nova aldeia
069	A ARQUITECTURA SOB(RE) A ÁGUA
	Habitar a água, Prover da água, Fruir na água
071	BANHOS NO LAGO
073	REFERÊNCIAS
075	ALDEIA DA LUZ
	O lugar
077	O LOCAL DE IMPLANTAÇÃO
080	A ESTRATÉGIA
	O percurso entre a aldeia e as margens do lago como programa Espaços existentes que enriquecem o percurso
084	A RELAÇÃO COM A MARGEM
	Um projecto que se molda à mutabilidade das margens
088	EQUIPAMENTOS
090	ABRIGO
092	BANHOS
111	CONSIDERAÇÕES FINAIS
114	BIBLIOGRAFIA
116	ÍNDICE DE IMAGENS
119	ANEXOS

INTRODUÇÃO

A construção da barragem de Alqueva trouxe a evolução da agricultura no Alentejo. Ao grande reservatório de água está associada uma ramificação constituída por canais e condutas que levam a água do lago a toda a região do Alentejo.

A albufeira de Alqueva permite uma cota máxima do nível da água de 152m. O grande lago engoliu o rio Guadiana e transformou a envolvente a nível paisagístico, social, cultural e económico. Contudo, não foram só os ecossistemas e os recursos naturais que se viram alterados, a relação das comunidades limitrofes com o plano de água também sofreram alterações.

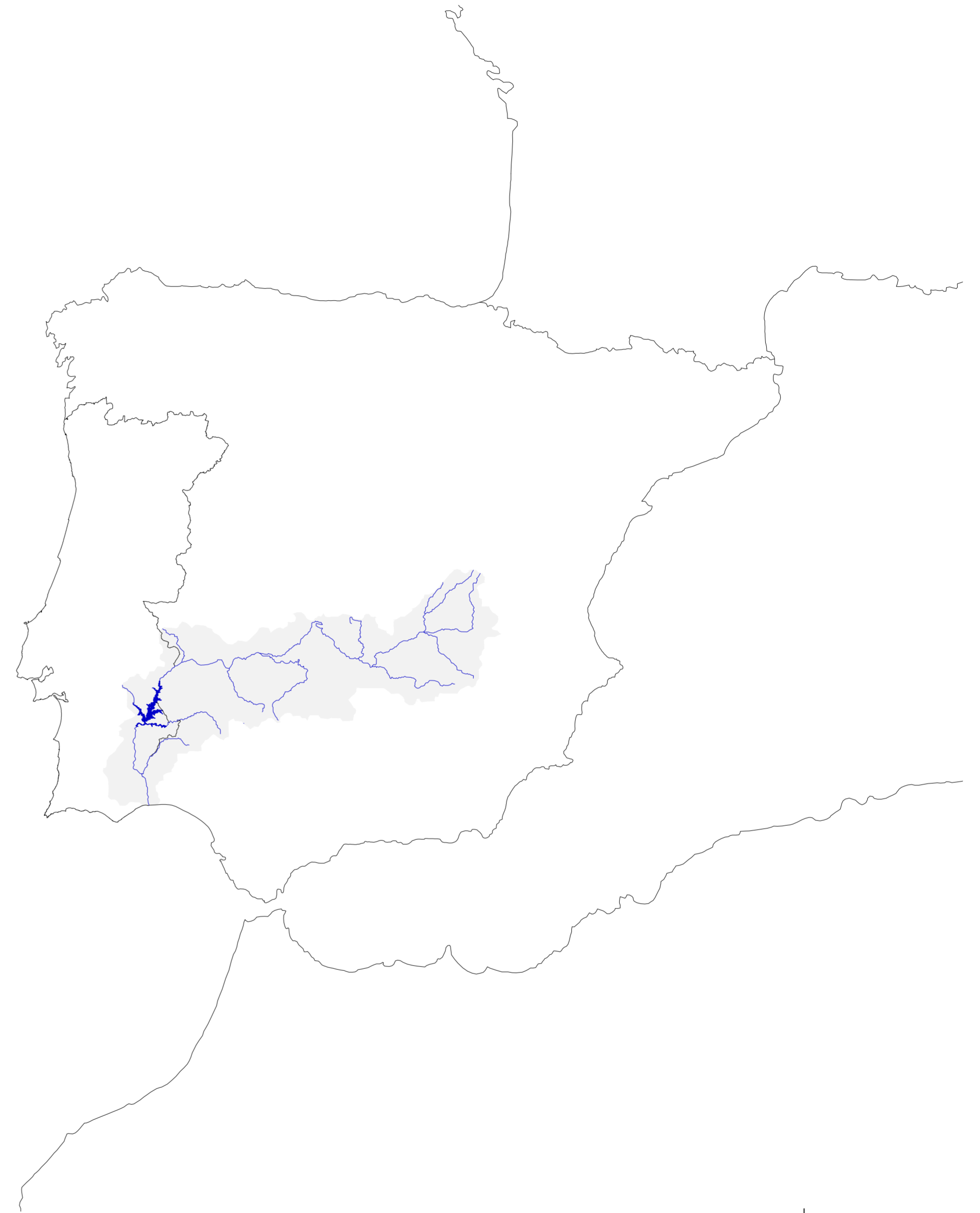
As aldeias ribeirinhas surgem como parte activa no combate à desertificação no Alentejo pela sua proximidade com o lago e com as margens que são um elemento constituinte da nova paisagem. Estas encontram-se obsoletas pela perda de empatias guardadas na memória daquilo que eram as práticas, hábitos e costumes junto do Guadiana.

Assim sendo, a raiz da problemática nasce nas margens. A oportunidade de desenvolver um programa relacionado com o lago do Alqueva vem responder ao problema gerado em torno da culturalização e artificialização do território do Alqueva e das comunidades ribeirinhas.

O tema é relevante pela recente transformação da paisagem e das comunidades ribeirinhas. Em 2002 as comportas da barragem fecharam e o nível da água começou a subir, dando origem ao maior lago artificial da Europa que ocupa 1100km de perímetro, maior que a costa marítima portuguesa. A paisagem, o clima, a fauna, a flora e as gentes também mudaram o seu comportamento face à nova realidade.

A motivação teve origem numa experiência profissional que incentivou a observar o comportamento das comunidades ribeirinhas nas margens do Alqueva durante a época do verão. Foi possível constatar que existe a vontade de ocupar as margens através da prática de pesca e prática de banhos, onde, actualmente, se faz a partir dos cais-ancoradouros. Não existe por perto zonas de apoio e espaços para permanecer de forma a aproveitar o que o lago pode oferecer, como as actividades antes associadas ao Guadiana.

O Alqueva e a povoação da Luz estão evidentemente relacionados pelo processo de realojamento que a comunidade ultrapassou. A antiga aldeia foi inundada, e por ter sido a única aldeia a passar por um processo de mudança radical, foi seleccionada a Aldeia da Luz como local de intervenção, para aproximá-la ao plano de água através da arquitectura que pretende criar empatias entre as pessoas da Luz e as margens num pequeno gesto, como tomar banho ou nadar.



Planta de Localização do Lago do Alqueva na Península Ibérica
Mapa da Península Ibérica onde se assinala a bacia hidrográfica do Guadiana e o Lago do Alqueva.

OBJECTO

O objecto em análise nesta dissertação é a Aldeia da Luz que se localiza próxima das margens do Alqueva, não muito distante de Mourão, sede de concelho de que é pertencente. A Aldeia da Luz foi construída durante o enchimento da barragem, estando a antiga Aldeia da Luz submersa pela água, portanto verifica-se uma enorme alteração na transição da origem para a realidade atual da comunidade. O objecto de estudo abrange uma investigação das relações que se estabeleciam no passado, entre a antiga Aldeia da Luz e o Rio Guadiana, de forma a consolidar a intervenção que se propõe.

OBJECTIVO

Conceber um projecto de arquitectura para banhos tendo uma vertente desportiva numa dimensão lúdica proporcionada pelo lago do Alqueva, de modo a aproximar a comunidade da Luz ao actual plano de água.

Implementar peças programáticas através de pequenas acções que são estimuladas pela arquitectura e a paisagem de forma a reactivar e recuperar os espaços de margem despromovidos de qualquer função através de oportunidades que permitem a ocupação humana adequada à ampla realidade do grande lago.

¹ TELLES, Gonçalo Ribeiro. "Jornal Pessoas e Lugares", pp.4.

² PEDRO, Marta. Revista NIU, "Construir Paisagem".

³ BELO, Duarte. "Guadiana 84-14".

⁴ FACHÉCO, MENDES e OLIVEIRA, Pedro, Rui e Pedro "Alqueva, Paisagem como tema".

ESTADO DE ARTE

A presente investigação divide-se em duas vertentes distintas: uma vertente teórica baseada numa reflexão escrita que contempla três temas essenciais para o trabalho, como a importância da paisagem na compreensão dos processos que definem a ocupação humana no território; o tema do Alqueva que pretende abordar questões relacionadas com a origem do grande lago para uma contextualização deste estudo, e um terceiro tema relacionado com as referências de Arquitectura sobre a água.

O conceito de paisagem é abordado por Gonçalo Ribeiro Telles que vai de encontro a uma ideologia em que "A paisagem é tudo. É um diagnóstico de uma organização humana do território. A paisagem não é natural. É construída com elementos naturais. É do Homem, como uma casa. O Homem faz a paisagem com materiais vivos e com solo duro. É uma construção artificial, baseada nas leis da Natureza. Os seus elementos estão sujeitos à Lei da Vida. Portanto, há uma dinâmica e lógica da paisagem, da parte essencial da paisagem. Não podemos separar a paisagem e tratá-la como uma "coisa" para o turismo ou como um valor apenas de cenário".¹ Desta forma, podemos entender que a paisagem é um conjunto de elementos, recursos e espaços únicos que são apropriados pelo homem para dar resposta às suas necessidades, em que a valorização deles passa pelo reconhecimento da sua identidade e requalificação. A partir daqui a arquitectura pode intervir não apenas numa acção construtiva, mas numa relação entre a especificidade do lugar e o objecto arquitectónico.

Permite-nos perceber que, a paisagem é uma construção cultural entre o homem e o lugar que obtém elementos, recursos e espaços únicos que o caracterizam e que possibilitam uma resposta à sua construção. A partir desta ideia, é possível valorizar os ecossistemas e aproximá-los do homem através de uma perspectiva arquitectónica, mesmo aqueles que se encontram esquecidos assumindo-se como um mote para uma arquitectura do futuro em que a estratégia é o projecto ser parte integrante da paisagem, "(...)na qual a paisagem passa de pano de fundo (papel secundário) a objecto de estudo, constituindo-se como parte integrante da intenção do projecto, enquanto ponto de partida ou como produto final".²

Na contextualização do tema do Alqueva, existem duas perspectivas a realçar para o projecto: a primeira explica os objectivos da construção da barragem e o que surgiu posteriormente à modificação que trouxe à sua envolvente; e uma segunda que identifica a problemática pós-alqueva associada a aspectos sociais e culturais das povoações ribeirinhas. Desta forma, as referências a salientar relativas ao entendimento do propósito da construção da Albufeira de Alqueva destaca-se a publicação realizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva (EDIA), Empreendimento Fins Múltiplos direccionada para um planeamento global do território do Alqueva, bem como outros documentos que auxiliaram o desenvolvimento deste projecto, tais como o Plano Estratégico de Qualificação Urbana e Ambiental das Aldeias Ribeirinhas das Albufeiras de Alqueva e Pedrogão que se dirige ao planeamento das áreas urbanas que ficaram afectadas pelo regolho. No que respeita às referências de cariz social e cultural, que constroem a problemática a abordar, assumem que a modificação da paisagem do Vale do Guadiana

transformou-se numa imensidão de água, onde as suas margens apenas deixaram a memória de um encadeamento de espaços que permitiram a fixação de empatias, e na sua transformação territorial estão agora ao abandono, ou apropriados para fins turísticos.

Numa abordagem antropológica destaca-se o estudo "Aldeia da Luz: Entre dois solstícios, a etnografia das continuidades e mudanças" realizado pela antropóloga Clara Saraiva, em que nos coloca a par da mudança da comunidade ribeirinha da Luz e todo o processo preparatório antes do enchimento da barragem resultando num acontecimento social que levanta questões, surgindo novas soluções que procuram responder ao presente projecto. Numa abordagem fotográfica, Miguel Proença através da sua obra "Alqueva paisagem que muda povo que espera" mostra a realidade da mudança que se sentiu ao longo da construção da barragem de Alqueva. Duarte Belo através da sua publicação "Guadiana 84-14" percorre a pé as margens do Rio Guadiana, colecionando imagens e pensamentos onde pretende definir uma arquitectura de comunicação. "Uma escrita que, recusando, por impossível, a replicação de uma realidade concreta, quer construir uma arquitetura nova onde se pode viver a invenção de um tempo paralelo"³. A publicação intitulada "Alqueva, Paisagem como tema" desenvolvida pelos docentes com os projectos dos alunos do curso de arquitectura da Universidade de Évora enuncia uma interpretação da paisagem do lago do Alqueva sob uma perspectiva arquitectónica, onde é valorizada "(...) uma relação de interdependência com o espaço/lugar e todo o contexto que o sustenta e que criem uma relação de interdependência mútua entre o lugar e a arquitectura"⁴, não esquecendo que o lago assenta sobre uma paisagem interrompida que assume novos significados por uma densa justaposição de paisagens, uma estranheza do desajuste por ficarem espaços de margem disfuncionais para receber esta transformação, e por fim, "A 'incompletude' da Paisagem" vem de encontro aos lugares que foram perdidos, à parte que ficou incompleta para criar uma Paisagem do futuro através de uma arquitectura que "(...) atribua novos significados, cultura, economia dos recursos e valor simbólico"⁴. Este fornece as bases de trabalho a nível gráfico que traz consigo a cartografia da Toponímia, Hidrografia, Uso dos Solos, Ecossistemas e Geologia para compreender o território do Alqueva de forma a dar continuidade a este trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada divide-se em dois momentos relevantes para o trabalho: uma primeira que se baseia numa investigação que resulta numa reflexão escrita; num segundo momento envolve o cruzamento de informação bibliográfica com a informação cartográfica aliadas às visitas de campo para a formulação de uma estratégia de intervenção e produção de elementos de representação.

Primeiramente, seguiu-se com o levantamento de informação correspondente ao território do Alqueva afim de perceber os elementos que constituem a paisagem actual, de forma a contextualizar o tema para compreender a presença do grande lago e a razão pela qual foi um acontecimento importante para o Alentejo. Nesta fase procedeu-se à análise do território do Alqueva, e o que este originou: as aldeias ribeirinhas, as margens que lhes estão associadas pela presença do regolfo e, por fim, as ilhas. Relacionando este estudo em campo com as vertentes social e cultural do território foi possível consolidar a escolha do sítio para intervir numa retrospectiva à memória no território do Guadiana.

Posteriormente, importou uma análise cartográfica da evolução da malha urbana desde a origem até à realidade actual afim de perceber a mudança da Aldeia da Luz e que relações se estabeleciam com o Rio Guadiana para poder delinear uma estratégia de intervenção. A comparação cronológica entre o projeto da barragem do Alqueva e o projecto da aldeia permitiu entender o que falta na comunidade para uma melhor proximidade com a água, para ajudar a ultrapassar o impacto social e cultural que se verificou neste processo.

As referências que incluísem um programa e uma condição paisagística semelhante a este projecto serviram para entender como a arquitectura pode lidar com esta questão social e cultural devolvendo a identidade ao lugar e como se apropria de um sítio de forma a valorizá-lo.

Numa última fase, a estratégia está consolidada, é implementado um programa num local específico. A produção de esboços, maquetes de estudo, elementos gráficos a várias escalas, surgiram hipóteses de intervenção, seguidamente foi possível definir detalhes construtivos de forma a concretizar a ideia através da escolha da materialidade do espaço e, finalmente, alinhar os elementos para a apresentação final.

O LAGO DO ALQUEVA

*DA SILVA, João Gomes. "Alqueva, paisagem interrompida, Alqueva, paisagem como tema".

O Lago do Alqueva trouxe consigo uma enorme alteração ao território de sequeiro do Guadiana. Esta paisagem submersa deu lugar à ocupação do Neolítico, do Ferro, do Romano, do Medieval Islâmico ou Cristão, do Pré-Industrial e do Tempo Moderno. Um conjunto de layers que compõe esta paisagem que tomou formas à medida que se foram instalando e "expressando as formações sociais e as culturas e economias surgidas, e adquirindo os valores simbólicos que cada paisagem contém em si, se encontra incompleta".⁵

Durante as inúmeras ocupações históricas, o uso do território do Guadiana tornou-se motivo de sedentarismo em que o homem ocupa o lugar pela presença de água. A partir da era Pré-Industrial "A paisagem alentejana é de uma grande sobriedade de linhas: a planície a "pereplanície" aberta em campos de areal e pousio, a perder de vista, e montados de sobreiros e azinheiras verdes escuras (...)"⁶ que alimentavam as famílias alentejanas que se apropriavam da água como um meio de fabrico, através dos moinhos de água a moagem dos cereais que alimentavam os animais do campo. Com a substituição dos animais por máquinas, e de um rio por um reservatório de água, a intensificação do uso da terra através dos regadios particulares está hoje presente.

No reconhecimento dos traços da memória inscritos nesta paisagem partimos para a arquitectura que pretende reinventar o lugar e "recomeçar de novo o processo que cada mudança imprimiu na lenta formação desta paisagem, e que dela fez aquilo que hoje admiramos e nos fascina pela sua complexidade".⁵



fig. 001 Rio atingido pelo Lago.
Ortofotomapa 1995 com a sobreposição da mancha de água do Lago de Alqueva.

¹ EDIA, "Empreendimento Fins Múltiplos".

O PROJECTO DA ALBUFEIRA DE ALQUEVA

"Uma grande albufeira de regularização, com base na qual pode estruturar-se um plano de utilização do Guadiana para Fins Múltiplos que inclui a alimentação da água necessária ao Plano de rega do Alentejo, a produção de energia eléctrica, o abastecimento de águas às povoações limítrofes e à zona turística e agrícola do Algarve e ainda, como utilizações marginais, a criação de condições de centros de pesca e turismo, facilidades à navegação fluvial e controle de cheias."⁶

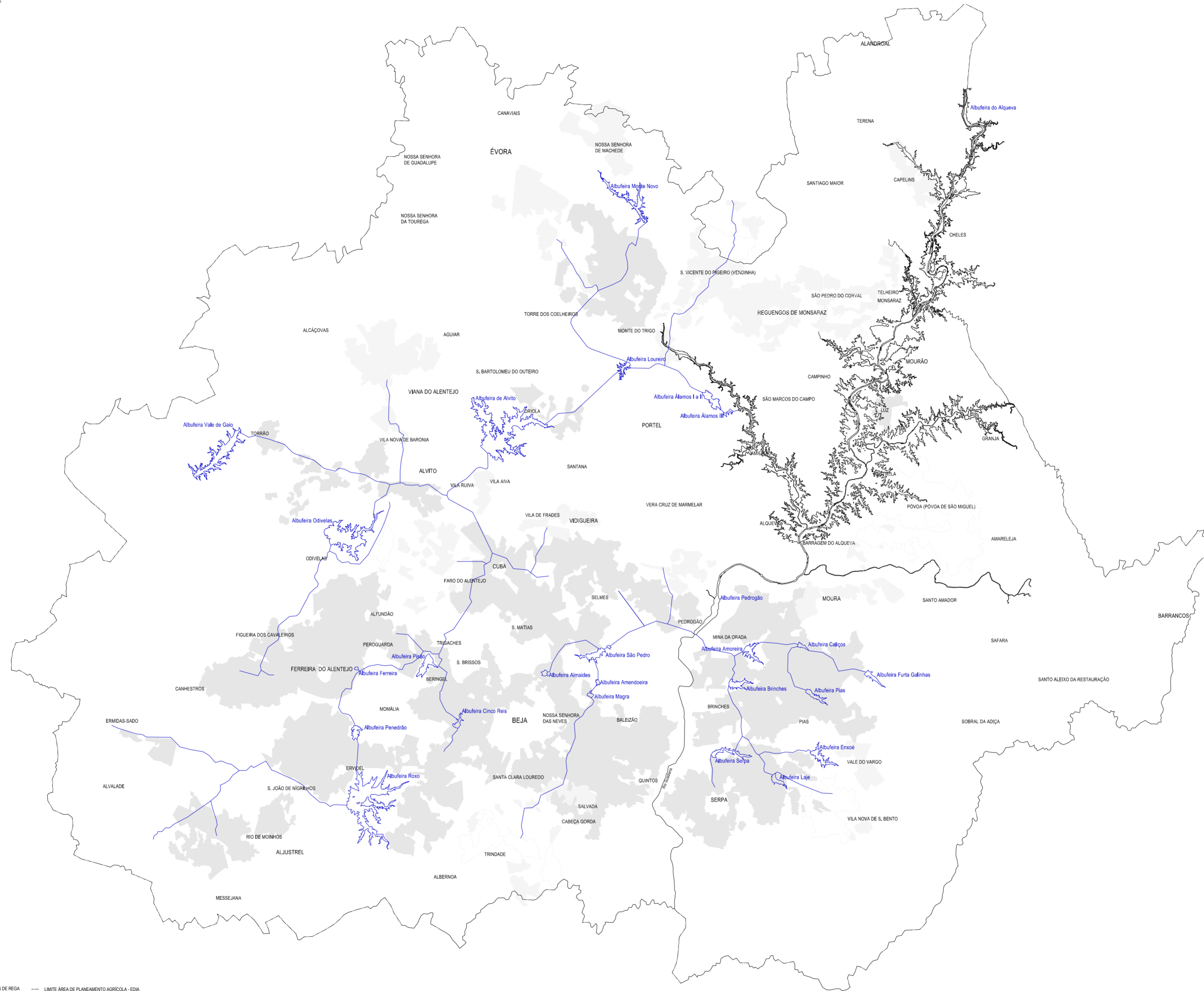
A Albufeira de Alqueva é um depósito de água que veio intensificar a agricultura no Alentejo. A água é conduzida por uma rede que interliga todas as albufeiras que consolidam o território de produção agrícola de forma a ter sempre água mesmo nas alturas de seca ou ausência de precipitação. Desta forma, 70% da água é conduzida por gravidade tendo um sistema hidroeléctrico associado que permite uma fácil manutenção dos campos agrícolas.

A energia hidroeléctrica veio também para ser gerada perto das povoações que procuram garantir o desenvolvimento dos productos agrícolas. O turismo, hoje está patente na reabilitação de herdades, outrora fontes de intensa produção agrícola e subsistência das famílias alentejanas, mas agora são apenas marcos rurais que se alimentam da água do lago como cartão de visita e não para o desenvolvimento agrícola.



fig. 002 Alqueva, paisagem que muda povo que espera

© Miguel Proença



■ ÁREA AGRÍCOLA A EXPLORAR ■ ÁREA AGRÍCOLA A EXPANDIR — CANAIS DE REGA — LIMITE ÁREA DE PLANEAMENTO AGRÍCOLA - EDIA



Planta do Planeamento Global do Lago do Alqueva

O mapa representa as áreas de exploração agrícola em funcionamento e as áreas que se pretende alargar.

⁷ EDIA e PARQUE EXPO. "Plano Estratégico de Qualificação Urbana e Ambiental das Aldeias Ribeirinhas das Albufeiras de Alqueva e Pedrogão", Relatório da Fase 1, 31 de Janeiro de 2003, pg. 1, 2 e 3.

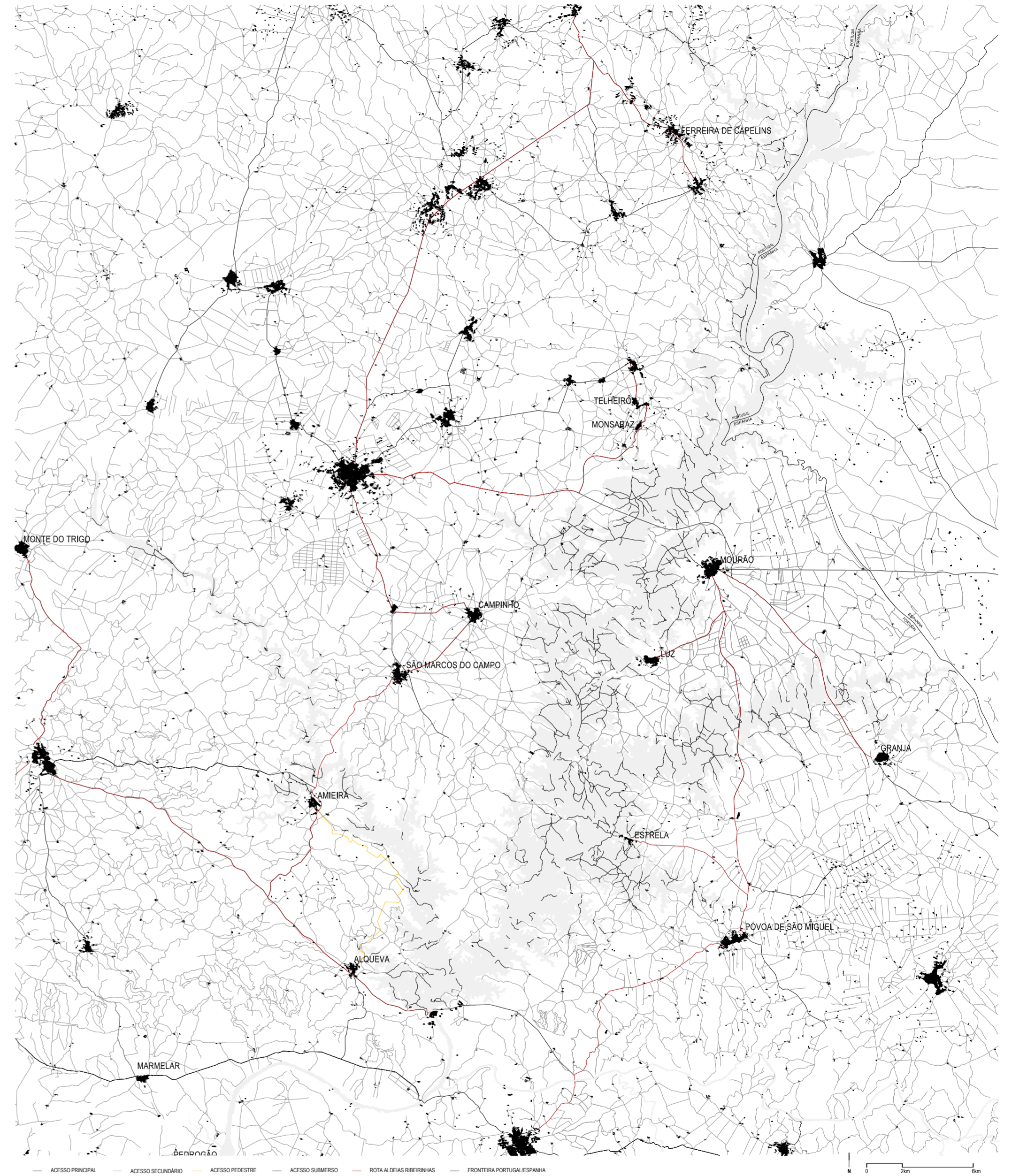
AS ALDEIAS RIBEIRINHAS

"povoações de acesso ou de entrada para a albufeira" de Alqueva, as aldeias ribeirinhas, fruto dos planos de ordenamento territorial do Alqueva, são povoações exteriores às sedes de concelho. Encontram-se na proximidade dos regoifos e foram distinguidas como um suporte à utilização de água e ao controlo da sua utilização lúdica para que não exista uma ocupação incontrolada por todo o território.⁷

Segundo o "Plano Estratégico de Qualificação Urbana e Ambiental das Aldeias Ribeirinhas das Albufeiras de Alqueva e Pedrogão", foram destacadas dezasseis povoações designadas Aldeias Ribeirinhas: Juromenha e Ferreira de Capelins - Concelho de Alandroal; Telheiro, Monsaraz, Campinho e São Marcos do Campo - Concelho de Reguengos de Monsaraz; Luz e Granja - Concelho de Mourão; Póvoa de São Miguel e Estrela - Concelho de Moura; Monte do Trigo, Amieira e Alqueva - Concelho de Portel; Marmelar e Pedrogão - Concelho de Vidigueira; Mina da Orada - Concelho de Serpa.⁷

No delineamento estratégico destas comunidades foi estabelecido um "território de interface" que assegurasse a comunicação entre o plano de água e as aldeias, por isso a instalação de estruturas de apoio e a construção de um turismo local permitia regular a sua transformação urbana de acordo com a influência da albufeira.

Os princípios gerais e a sua designação de aldeias ribeirinhas baseiam-se no facto de estarem "preparadas nas vertentes do ambiente, qualidade de vida urbana, integração paisagística, equipamentos e infra-estruturas para que o crescimento/desenvolvimento em função das novas atividades expectáveis e de investimentos reprodutivos se faça a partir desses aglomerados, em detrimento da dispersão por todo o território, mas no respeito pelo seu carácter e identidade cultural", no entanto a perda dos valores imateriais fez-se sentir com a perda do Guadiana e o aparecimento do Alqueva.⁷



— ACESSO PRINCIPAL — ACESSO SECUNDÁRIO — ACESSO PEDESTRE — ACESSO SUBMERSO — ROTA ALDEIAS RIBEIRINHAS — FRONTEIRA PORTUGAL/ESPAHNA

Planta de Localização das Aldeias Ribeirinhas

O mapa localiza as Aldeias Ribeirinhas e as ligações que são feitas entre elas através dos acessos principais e secundários.

AS MARGENS

A frequente oscilação do nível da cota da água tornou as margens um sítio de permanência instável. Por isso, foi necessário introduzir equipamentos de apoio para promover a relação entre a terra, o homem e a água.

Com base num levantamento em campo, pretendeu-se clarificar de que forma essa ligação se encontra e de que forma se instala no território ribeirinho. O estado das margens, a sua apropriação no tipo de estruturas de apoio, atividades existentes e a distância entre a aldeia ribeirinha e o plano de água foram parâmetros pertinentes para a investigação.

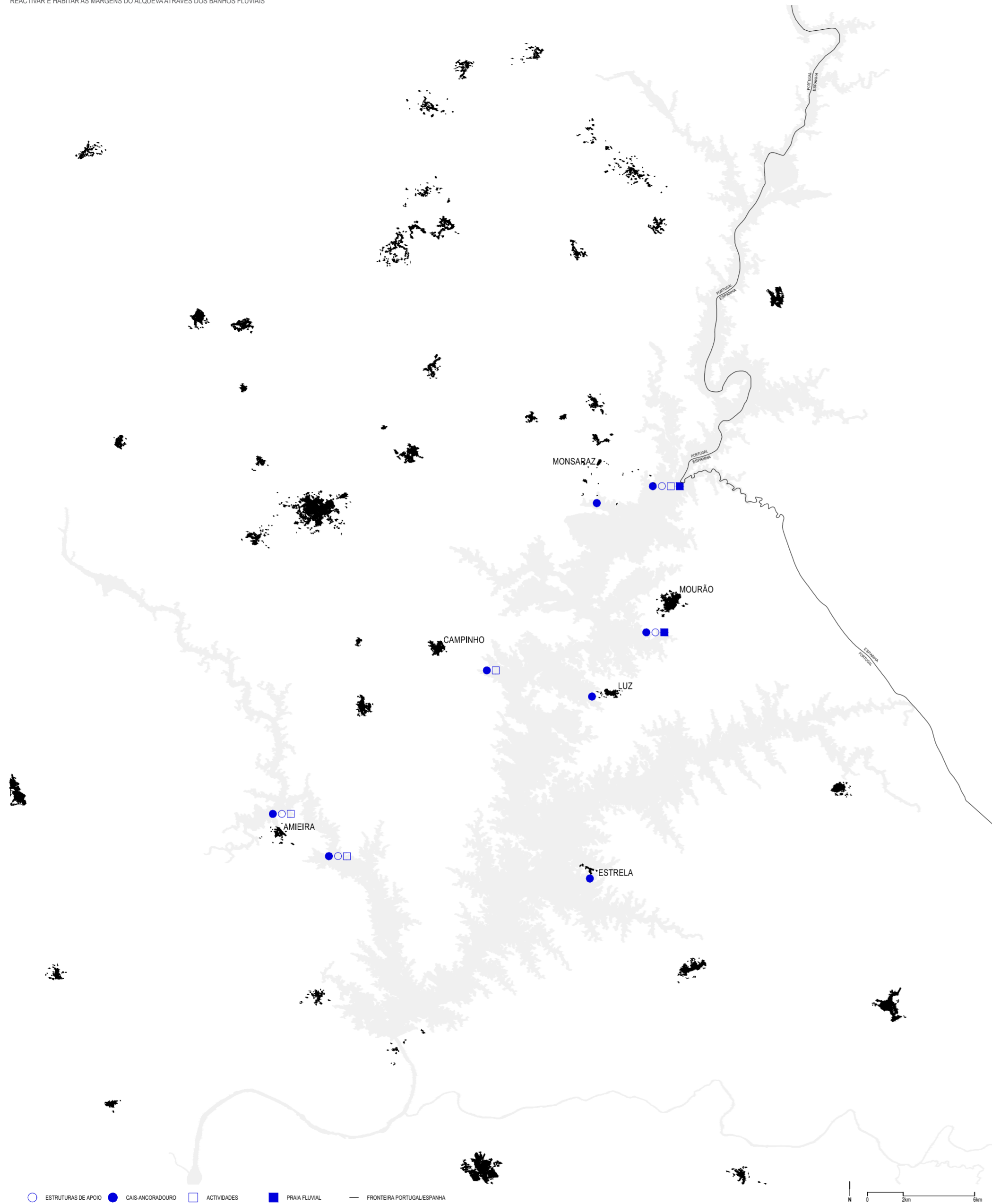
Desta forma, foi possível constatar que na grande parte dos sítios o cais-ancoradouro é utilizado para ancorar barcos e para os visitantes tomarem banho, à excepção daqueles que contêm praias fluviais. As estruturas de apoio são essenciais para auxiliar o usufruto do lago de uma forma cómoda, evitando assim a poluição do espaço público.

O percurso realizou-se nos aglomerados ribeirinhos com uma proximidade relevante com o lago do Alqueva: Monsaraz - Campinho - Amieira - Estrela - Luz - Mourão.



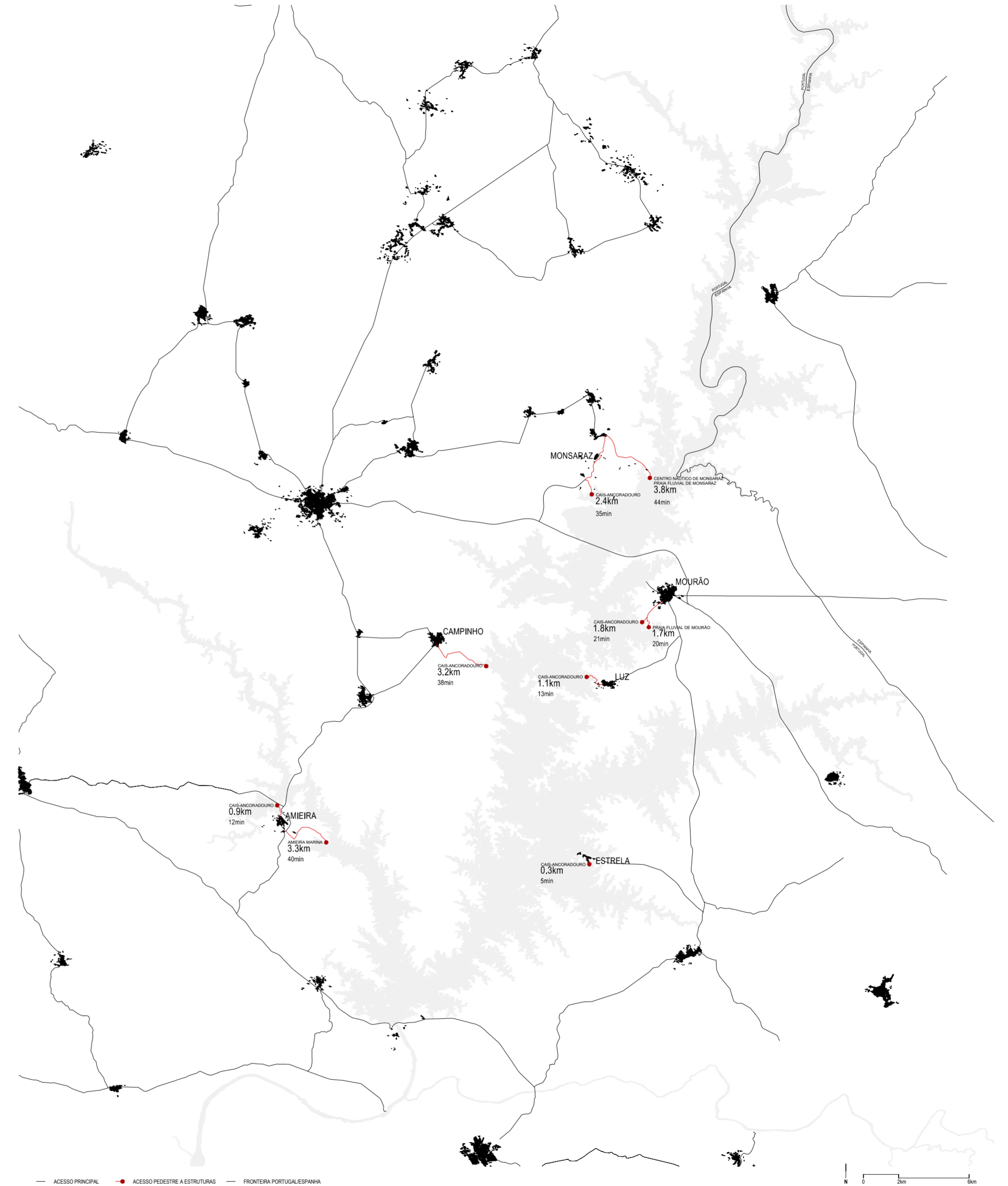
fig. 003 Percurso até ao Cais, Aldeia da Luz

© Sofia Couto



Planta de Localização das estruturas de apoio e actividades

O mapa representa o tipo de estruturas e espaços de apoio existentes nas margens do Lago do Alqueva.



Planta das distâncias entre Aljezur e as Estruturas

O mapa representa os acessos que estabelecem a ligação entre a Aljezur e as Estruturas e espaços de apoio. Está indicado a distância e o tempo (min) que se demora a percorrer a pé.

¹ AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 75.

MONSARAZ

Aldeia Ribeirinha pertencente ao Concelho de Reguengos de Monsaraz.

Habitantes (2011): 782.

Distância entre Monsaraz e o Cais-ancoradouro: 2.5km.

Distância entre Monsaraz e o Centro-Náutico de Monsaraz e Praia Fluvial: 3.8km.

Estruturas de apoio: Restaurante, Instalações Sanitárias e Posto Médico.

Actividades:

Actividades náuticas (Passeios de barco, Wake Ski, Ski, Paddle)

Características gerais:

Utilização: Activa

Acesso: Via terrestre e fluvial

Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira

Sistema construtivo: Palafítica

Material das Estruturas de Apoio: Ferro

Sistema construtivo: Contentores amovíveis

Estado de conservação: Muito bom estado

Observações: O Centro Náutico de Monsaraz contém estruturas de apoio e actividades que decorrem durante todo o ano. A Praia Fluvial de Monsraz teve origem em 2017 e trouxe uma empatia com os espaços de margem entre a própria população e a água.

"O povoado de Monsaraz, pelas condições geográficas e topográficas da sua localização, não apresenta na actualidade uma relação urbana com o plano de água da albufeira de Alqueva. O povoado dista do local mais favorável à albufeira em cerca de 1500m.

*Neste contexto, e sendo um povoado classificado, não se vislumbram ligações urbanas e de expansão, no sentido de se criarem relações urbanas lacustres. Na verdade, o que se verifica é o aproveitamento de alguns ancoradouros existentes na envolvente do povoado, e nomeadamente o centro náutico existente a poente do povoado para visitas turísticas a partir do povoado, Este centro ainda dista cerca de 3000m do centro do povoado."*⁸



fig. 004 Centro Náutico de Monsaraz

© Sofia Couto

⁹ AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 78.

CAMPINHO

Aldeia Ribeirinha pertencente ao Concelho de Reguengos de Monsaraz.
Habitantes(2011): 688.
Distância entre Campinho e o Cais-ancoradouro: 3.2km.
Estruturas de apoio: Instalações sanitárias.

Características gerais:

Utilização: Activa
Acesso: Via terrestre e fluvial
Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira
Sistema construtivo: Palafítica
Material das Estruturas de Apoio: Madeira
Sistema construtivo: Contentores amovíveis

Estado de conservação: Bom estado

Observações: Na zona de parque de merendas o estado das margens encontra-se despromovida de vegetação e de qualquer função. As margens só se deixam ocupar por um cais-ancoradouro. A apropriação é feita através de um parque de merendas que contém uns sanitários e um cais-ancoradouro para um propósito lúdico, mas que carece de vida no seu funcionamento.

*"O povoado dista cerca de 2000m do plano da água. As relações que mantém com a água são vivências culturais ligadas à pesca desportiva. Com o enchimento da albufeira do Alqueva, em 2002, foi criado junto ao plano da água um parque de merendas, que é muito usado principalmente nos fins de semana pela população local."*⁹



fig. 005 Cais-ancoradouro do Campinho

© Sofia Couto

¹⁰ AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 96.

AMIEIRA

Aldeia Ribeirinha pertencente ao Concelho de Portel.

Habitantes (2011): 362.

Distância entre Amieira e o Cais-ancoradouro: 0.9km.

Distância entre Amieira e a Marina: 3.3km.

Estruturas de apoio: Instalações sanitárias.

Actividades: Rede de percursos pela margem do Alqueva até à aldeia de Alqueva; Actividades náuticas (Passeios de barco, Wake Ski, Ski, Padle).

Características gerais:

Utilização: Activa

Acesso: Via terrestre e fluvial

Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira

Sistema construtivo: Palafítica

Material das Estruturas de Apoio: Ferro

Sistema construtivo: Contentores amovíveis

Estado de conservação: Bom estado

Observações: O estado das margens apresenta a ausência de uso. O cais-ancoradouro é próximo das estruturas de apoio que auxiliam também uma rede de percursos entre a Amieira e a Aldeia do Alqueva junto às margens do lago.

"A Aldeia da Amieira, pelo que se estende do seu desenvolvimento actual, que intenta no preenchimento de espaços vazios no interior do miolo urbano, mediante operações de loteamento, não tem planos para criar relações efetivas do tecido urbano, já sedimentado, com o plano de água. A estratégia que tem sido seguida não envolve a participação urbana do tecido construído nessa relação, mas tem sido direccionada para projetos individuais e dispersos longe do aglomerado urbano.

O projeto da Amieira Marina é considerado a primeira intervenção após o enchimento da albufeira de Alqueva. Datado de 2005, apostou nas potencialidades da albufeira, criando infra-estruturas para serviços destinados a passeios de barco, aluguer de casas-barcos e proporcionando um espaço de ancoradouro permanente para barcos."¹⁰



Fig. 006 Marina da Amieira

© Sofia Couto

¹¹ AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 93.

ESTRELA

Aldeia ribeirinha pertencente ao Concelho de Moura.
Habitantes (2011): 280.
Distância entre Estrela e o Cais-ancoradouro: 0.3km.

Características gerais:

Utilização: Activa A
cesso: Via terrestre e fluvial
Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira Sistema construtivo: Palafítica

Estado de conservação: Bom estado

Observações: Existe um cais-ancoradouro para o atracamento de barcos de passeio e uma pequena praia fluvial concebida pela comunidade, ainda que desconhecida na rede de praias que surgiram no ano de 2017.

*"Atualmente, o povoado não dispõe de relações urbanas com a água, como já foi afirmado, e a estrutura urbana da aldeia não configura a existência de quarteirões. São as traseiras dos quintais existentes que fazem, além das hortas existentes, essa relação com o plano de água. Existe, porém, um cais, que foi construído na altura da construção da Marina da Amieira, o primeiro empreendimento turístico na albufeira de Alqueva a ser realizado, em 2005, com o intuito de exploração turística de circuitos ribirinhos. Contudo, não existe uma ligação entre esse cais e o povoado de forma integrada."*¹¹



fig. 007 Casa na Aldeia de Estrela

© Sofia Couto

¹² AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 83.

LUZ

Aldeia ribeirinha pertencente ao Concelho de Mourão.
Habitantes (2011): 290.
Distância entre Luz e o Cais-ancoradouro: 1.1km.

Características gerais:

Utilização: Activa

Acesso: Via terrestre e fluvial

Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira Sistema construtivo: Palafítica

Estado de conservação: Muito bom estado

Observações: As margens causam um impacto a nível visual pela ausência de água e vegetação. Existe um cais-ancoradouro distante da comunidade ribeirinha, onde foi construída uma estrutura de percurso em madeira desde a aldeia, passando pelo Museu da Luz e terminando no cais. Apesar de ser apenas um percurso, já existe a intenção de melhorar essa relação.

"O povoado da aldeia da Luz, como se comprovou, foi projetado antes do enchimento da albufeira de Alqueva. Nesse contexto, já se tinham em mente as relações lacustres, que advinham da relação imediata com a água. O projecto urbano, ao contrário do PP da aldeia da Luz, não contemplou essa relação com a água, apesar de a aldeia, atualmente, distar apenas 400m do plano da albufeira.

*Não existe programada nenhuma relação urbana com a água. Estranha-se este tipo de projetos, sabendo-se que a principal razão da existência desta, hoje, foi porque a sua antecessora ficou submersa, precisamente, por causa da água. Se a antiga aldeia da Luz não mantinha qualquer relação com o rio Guadiana, hoje, a nova aldeia da Luz, projetada e concebida também com o objetivo de criar uma nova relação com a água, mantém as mesmas relações do que a antiga."*¹²



Fig. 008 Margens de Aldeia da Luz

© Sofia Couto

¹¹ AMADOR, Helder. Casiro. "REINVENTAR ALQUEVA. Do Turismo de Luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade", 2008, pg. 88.

MOURÃO

Sede de Concelho.

Habitantes (2011): 2663.

Distância entre Mourão e o Cais-ancoradouro: 1.8km.

Distância entre Mourão e a Praia Fluvial: 1.7km.

Estruturas de apoio: Instalações sanitárias e Posto Médico.

Actividades: Actividades náuticas (Passeios de barco, Wake Ski, Ski, Paddle)

Características gerais:

Utilização: Activa

Acesso: Via terrestre e fluvial

Material do(s) Cais: Estrutura metálica e tabuado de madeira Sistema construtivo: Palafítica

Material das Estruturas de Apoio: Ferro

Sistema construtivo: Contentores amovíveis

Estado de conservação: Muito bom estado

Observações: À semelhança de Monsaraz existe um espaço lúdico separado do cais que se encontra cuidado para esse fim. O espaço lúdico é a Praia Fluvial de Mourão que contém estruturas de apoio para o seu usufruto com algum conforto, mas distantes e separados por uma ponte em madeira. O cais-ancoradouro encontra-se perto, trazendo algumas actividades relacionadas com a albufeira.

"Mourão encontra-se numa situação geográfica privilegiada em relação ao plano da água da albufeira, dista apenas 450m desta, servindo o castelo de Mourão de elemento chameira entre o plano de água e o povoado.

*Na actualidade, não existe qualquer relação desta vila com a albufeira, a não ser diferenciador numa paisagem rica em vistas. Contudo, existe espaço para a criação dessa relação lacustre, num futuro desenvolvimento urbano, que possa integrar, além dessas relações lacustres, a integração patrimonial do castelo na vivência com a água. Caso que não se pode verificar em Monsaraz, devido à sua implantação territorial e topográfica em relação ao plano de água."*¹³



Fig. 009 Praia Fluvial de Mourão

© Sofia Couto

AS ILHAS

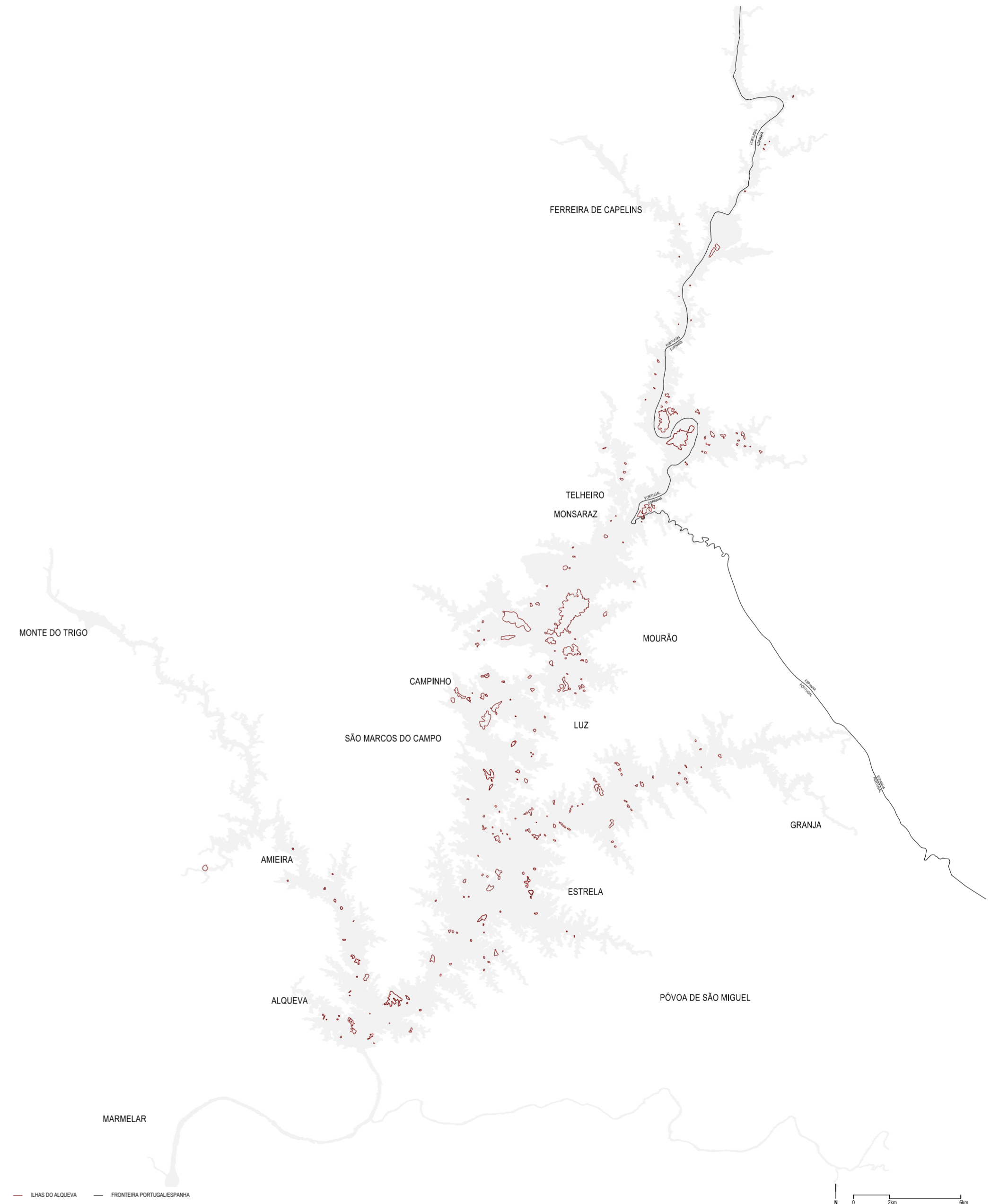
O lago formado pela barragem de Alqueva trouxe ao território o Arquipélago de Alqueva. Constituído por um conjunto de ilhas que hoje são bases ricas de biodiversidade, são sítios alvo de exploração por parte do homem que se apropria do espaço de forma imprópria.

De acordo com o "Plano de Ordenamento da Albufeira de Alqueva e Pedrogão", o plano de água varia entre a cota 135m e 152m dependendo da utilização da água e da presença e/ou ausência de precipitação. A variação do nível da água influencia a transformação das ilhas ocorrendo uma frequente metamorfose podendo emergir, submergir, fundir-se entre si, isolar-se ou unirem-se à margem.

O controlo das ilhas está entregue à EDIA que desapropriou toda a área que se encontra no interior da albufeira, protegendo assim as populações das mudanças recorrentes nas ilhas e convertê-las em lugares apropriados pelas espécies animais e pela vegetação de orla, sendo um laboratório vivo de exploração. Existe uma extensa concentração da fauna e flora nestas zonas de conservação ecológica, que é frágil pela permanente desfragmentação de habitats originada pela submersão na água. Sendo este um tema de extinção que procurou alternativas para a salvaguarda das espécies, procurou-se instalar estratégias como a construção de charcos, que tornam possível a permanência de espécies que ajudam no combate ao abandono agrícola.

A privilegiada localização das ilhas no lago perante o plano de água atrai actividades de cariz social que, por um lado fortalece a relação das margens com o interior da albufeira, mas por outro lado destabiliza o crescimento biológico no arquipélago pela abundância humana. A presença de campismo selvagem e a prática de caça inapropriada destabilizou o equilíbrio animal que se pretende estabelecer nestes sítios para o seu desenvolvimento estável.

Podemos concluir que, pela falta de fiscalização no Arquipélago de Alqueva, o tema da sua utilização ainda é vulnerável. Sendo assim, de que forma o aumento da sua fiscalização possibilita o desenvolvimento da fauna e flora promovendo também a sua exploração?



Planta de Localização das ilhas do Lago do Alqueva
O mapa representa as ilhas formadas pela enchente no nível da água à cota 150m.

¹⁴ SARAINA, Clara. "Luz e Água: Etnografia de um processo de mudança", pg.16.

PROBLEMÁTICA

*"A água desde sempre foi mote modelador para práticas sociais nos mais variados contextos etnográficos: basta pensarmos que a canalização da água é um fenómeno recente no mundo rural português, e na ida à fonte ou ao poço para ir buscar água para o uso quotidiano; a deslocação das mulheres aos lavadouros públicos; as virtudes terapêuticas dos banhos termais ou as higiènes corporais e as sociabilidades do hamman; as relações estabelecidas entre pescadores e veraneantes (...)"*¹⁴

O aproveitamento dos recursos hídricos tem vindo a criar uma acrescida importância em zonas de escassez como o Alentejo para alimentar toda a agricultura em larga escala. Posto isto, em lagos ou rios, as margens são ocupadas por seres vegetais ou animais que fazem parte do bom funcionamento do sistema ecológico. São motivo de subsistência do homem que usufrui destes espaços através da pesca, ou até mesmo como pretexto lúdico, embora exista uma parcela de margem entre a terra e a água ausente de vegetação ribeirinha, como é frequente em albufeiras artificiais.

Esta dissertação abrange duas problemáticas: uma primeira que está relacionada com a culturalização do território do Alqueva após o enchimento da barragem, que aborda a forma de viver das comunidades ribeirinhas que habitam próximo das margens do lago com a influência do regolfo; posteriormente, o tema da artificialização das margens aproxima-nos de um tema específico da faixa intermíveis que nos revela o estado da zona limítrofe entre a terra e a água. É pertinente entender como a arquitectura pode intervir quanto a esta dualidade que tem em comum a margem, que no caso do Alqueva consolida um espaço obsoleto que pode protagonizar um programa lúdico.



fig. 010 Alqueva, paisagem que muda pouco que espera

© Miguel Proença

CULTURALIZAÇÃO PÓS-ALQUEVA

A existência da albufeira do Alqueva veio promover o desenvolvimento no Alentejo, mas trouxe uma mudança a nível paisagístico que afectou as aldeias ribeirinhas. Nomeadamente o modo de vida das comunidades que se inserem num sistema de atividades lúdicas geradas pelo potencial do Alqueva.

Quando é necessário perceber como é que o território do Alqueva foi povoado, primeiramente é essencial referir que a elevada cota da água com o enchimento da barragem teve efeitos sobre o território do Guadiana, onde um rio que se transforma num lago deixou vastas áreas adjacentes submersas. Os moinhos de água que permitiam a relação entre os sítios e as pessoas ficaram debaixo de água. Estes serviam para a moagem dos cereais que alimentavam os animais do trabalho na agricultura. A antiga Aldeia da Luz enfrentou um duradouro processo de completa mudança para um novo sítio, onde a sua população teve que se desligar de uma antiga cultura para uma nova forma de viver. A aldeia da Estrela era rodeada por montes e transformou-se numa península rodeada de água. Com todas estas transformações que o lago trouxe, foi necessário introduzir estruturas nos aglomerados ribeirinhos próximos dos regolos que permitissem um povoamento e aproveitamento do potencial da albufeira. Por isso, os cais-ancoradouros associados a espaços lúdicos com estruturas de apoio foram soluções introduzidas para o desenvolvimento do turismo, porém não trazem as comunidades ribeirinhas a usufruir dos espaços de margem. Porque apenas acolhem novas populações a usufruir do território do Alqueva como um meio de sustentabilidade e não como um meio de afinidade com a água.



fig. 011 Moinho Velho

© Autor desconhecido

¹³ EDIA e PARQUE EXPO. "Plano Estratégico de Qualificação Urbana e Ambiental das Aldeias Ribeirinhas das Albufeiras de Alqueva e Pedrogão, Relatório da Fase 1, 31 de Janeiro de 2003", pg. 1 e 11.

ARTIFICIALIZAÇÃO DAS MARGENS

O território do Alqueva é uma rede estrategicamente delineada, tornando-o numa paisagem artificial, que comporta impactes a nível ecológico que afecta a fauna e a flora.

A artificialidade modificou o comportamento das espécies relativas às culturas de sequeiro abrangidas pelo território do Guadiana.¹⁶ No meio lacustre confirma-se uma maior transformação da vegetação costeira, porque se trata de um meio de águas paradas que apenas oscilam com a presença e/ou ausência da precipitação.

A faixa interníveis, um termo associado à área costeira do Alqueva, são os espaços de margem que com a frequente oscilação da cota da água, ora ficam secas, ora se encontram alagadas, sendo uma impossibilidade de criar vegetação permanente que necessita de factores ambientais estáveis para se instalar e se desenvolver.¹⁵

Desta forma, no caso do Alqueva, esta faixa causa um impacto visual, porquese encontra de uma forma avultada em toda a sua extensão, despromovida de qualquer funcionalidade pela difícil estabilidade a nível biológico. De que forma a Arquitectura pode combater a instabilidade da faixa interníveis e também o impacto antropológico que o Alqueva trouxe às relações entre sítios e pessoas?

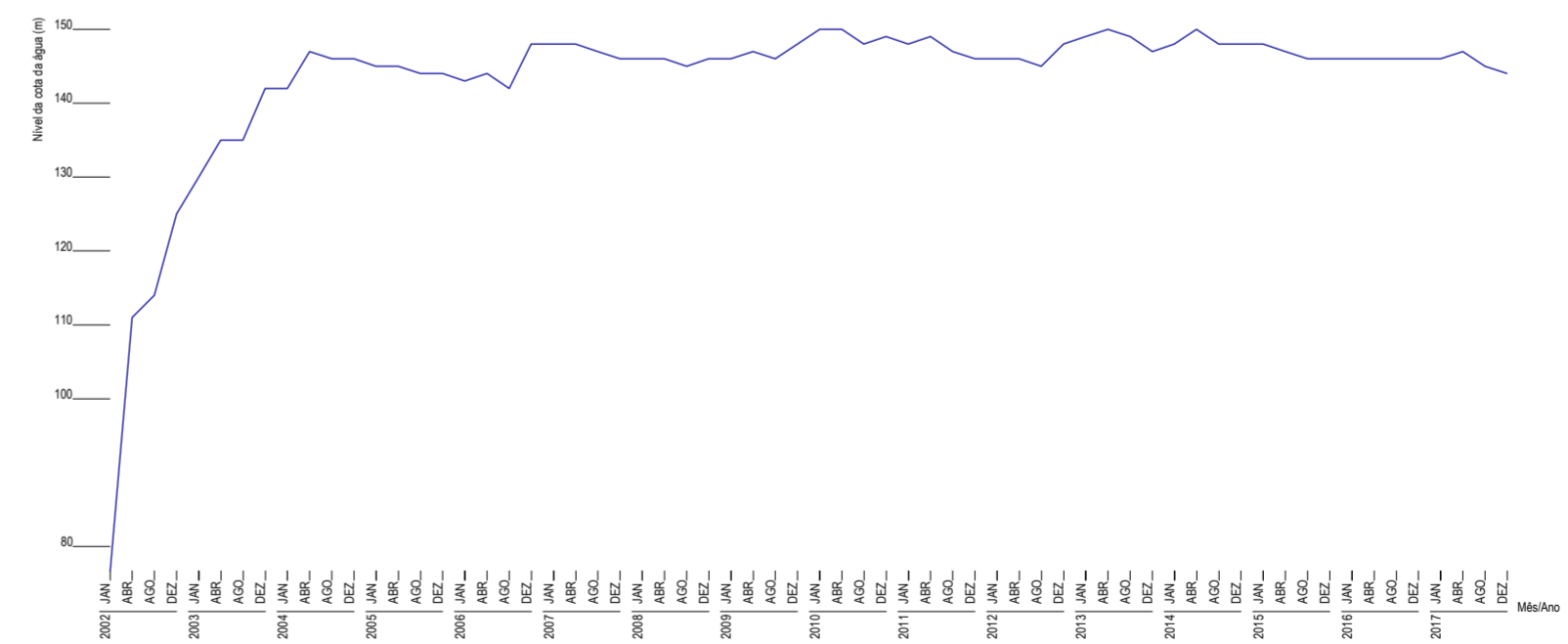


Gráfico da oscilação do nível da água no Alqueva
O Gráfico representa a oscilação do nível da cota da água desde que a barragem começou a encher até ao final do ano 2017. O Gráfico foi elaborado com base nos dados do Sistema Nacional de Recursos Hídricos (SNRH).

¹⁵ SARAIVA, Clara. "Luz e Água: Ethnografia de um processo de mudança", pg. 27.

MEMÓRIA DO GUADIANA

*"Como qualquer rio, e numa zona onde ele era fonte de água e de vida, o Guadiana fez ao longo de milénios parte das vivências das populações que habitavam nas suas margens: pescadores, moleiros, barqueiros, pisoeiros, contrabandistas. O rio de grande caudal no Inverno transformava-se num frágil curso de água no Verão, referido no feminino como "a ribeira", e os ritmos de vida adaptavam-se ao ciclo anual."*¹⁶

Castelo da Lousa - surge como uma construção de villae fortificada que supervisiona a navegação no Rio Guadiana. Controlava a circulação de pessoas e bens, para manter a ordem nos territórios conquistados.

Moinhos de água - estruturas que se faziam movimentar pela água para a moagem de cereais, que por sua vez alimentavam os animais do campo. As comunidades apropriavam-se destes sítios com pontos de atravessamento e actividades de cariz social que se adaptavam às estações do ano. Os moinhos estavam preparados para submergir no caso do aumento do caudal do rio no Inverno, e no Verão era um lugar aberto que permitia a passagem e a permanência das populações.

A proximidade com o rio permitia actividades como a pesca, a navegação e um simples gesto como tomar banho ou nadar no rio. A pesca no Rio Guadiana foi uma actividade artesanal persistente até meados da década de 70 na Aldeia da Luz, porque era motivo de subsistência de várias famílias, como era desde a altura do Paleolítico que originou a fixação humana no rio.



fig. 012 Banhos no Guadiana perto da ponte de Mourão

© Autor desconhecido



fig. 013 Azenha dos Machadinhos, Serpa

© António da Silva

¹⁷ SARAVIA, Clara. "Luz e Água: Etrografia de um processo de mudança", p. 31.

A ALDEIA DA LUZ

Do lugar submerso à nova aldeia

A construção da Albufeira de Alqueva exigiu vários estudos de impacto no território. Um deles previa o desaparecimento do lugar da antiga Aldeia da Luz que iria submergir na subida das águas do grande lago. Desta forma a Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas do Alqueva (EDIA) promoveu não só a integração da população da Luz noutra sítio, mas também um processo de mudança criterioso e, simultaneamente, doloroso.¹⁸ *ver: ecologia de marçhetti, pág. 57*

A Antiga Aldeia da Luz teve origem num santuário em homenagem à Nossa Senhora, baseado numa lenda que dita o aparecimento da Virgem a um pastor. À medida que este lugar se formou numa rota de peregrinação, a intensificação do seu uso por parte dos peregrinos originou uma povoação fixa neste lugar. No momento em que se parece dar a sua evolução "A igreja parece então afirmar-se como um "pólo aglutinador" das gentes da Luz, bem como de outras paragens, que associam as vivências religiosas a um quotidiano ligado às actividades agrícolas, à produção de cereais (trigo, centeio e cevada), aos olivais, azinhais, ferragiais, à rega e à moagem nos açudes, à pesca (barbo), à construção e manutenção das casas, aos vários mesteres, gentes que compram e vendem as suas propriedades, que contraem empréstimos das suas vidas (baptizado, casamento e óbito) (...)"¹⁷ A aldeia tinha uma relação distante do Rio Guadiana, mas rotineira. Devido ao uso do Rio para chegar a Campinho, através dos moinhos, do Castelo da Lousa para controlo da navegação e do lavadouro para uso doméstico das senhoras, o Guadiana foi mote para enriquecer socialmente e economicamente a comunidade que se tinha instalado nas proximidades.

O processo do Alqueva iniciou-se quando a Antiga Aldeia se destacou entre outras aldeias com características rurais predominantes da zona, com afinidades mediterrânicas de Verões quentes e secos e Invernos frios e chuvosos, por estar localizada num vale abundante em cursos de água. *ver: cronologia, pág. 55*

O século XX inicia-se com o envelhecimento da população a sofrer pela emigração e falta de natalidade, e instala-se a mudança de uma aldeia que iria ficar submersa, para uma aldeia que marcava a nova realidade do Alqueva. *ver: ortofotomapa e planta, pág. 53 e pág. 51*

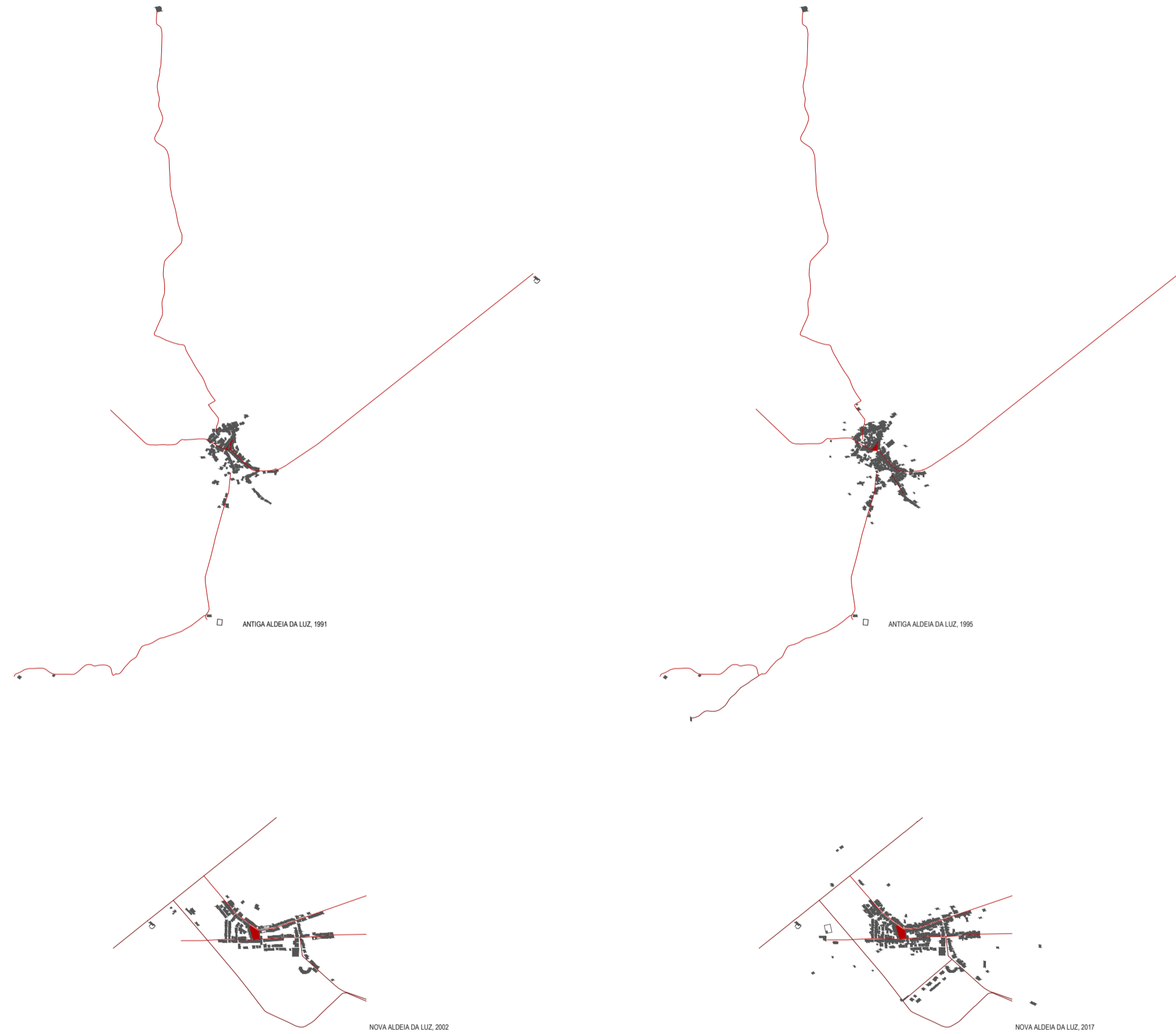
A Nova Aldeia da Luz surgiu através de um inquérito urbanístico, que posteriormente resulta o Plano Pormenor do núcleo urbano. A estrutura dos espaços e as suas utilizações correspondia ao que a comunidade pedia: uma aldeia igual à antiga. O projecto que se destacou foi da autoria do arquitecto João Francisco Figueira, onde a preocupação inerente do projecto realizado era o realojamento da comunidade ribeirinha num sítio que estivesse relacionado com a identidade da antiga aldeia com as características alentejanas.

No arranque do projecto, a equivalência quantitativa de áreas foi o ponto de partida, em que a área das habitações definia a idmenização a atribuir às pessoas afectadas, sendo por vontade delas receberem "casa por casa". Para além de questões quantitativas, surgiram as questões sociais que no decorrer do levantamento das áreas era determinante, mas a vizinhança

também ajudou a definir o novo núcleo urbano. A comunidade exigia manter os mesmos vizinhos e as mesmas relações com os espaços públicos, como na antiga aldeia.

A malha urbana da Nova Aldeia da Luz tem três entradas, sendo uma delas a que se destaca - o acesso proveniente de Mourão. Este atravessa toda a aldeia estando associado ao Largo 25 de Abril e no final do seu percurso o Museu da Luz surge como um importante marco de memória entre a nova e a antiga aldeia, sendo um projecto da autoria dos arquitectos Pedro Pacheco e Marie Clément.

A sua morfologia é alusiva à Antiga Aldeia da Luz, em que a toponímia e função dos espaços entre as duas aldeias se fundem. *ver: planta, pág. 63* Na efectiva mudança da população algumas tradições mantiveram-se, mas a relação com o lago que suscita apenas a memória da antiga aldeia afastou a comunidade do plano de água.



Plantas da evolução e mudança da malha urbana da Aldeia da Luz
As plantas representam a evolução e mudança da Aldeia da Luz.

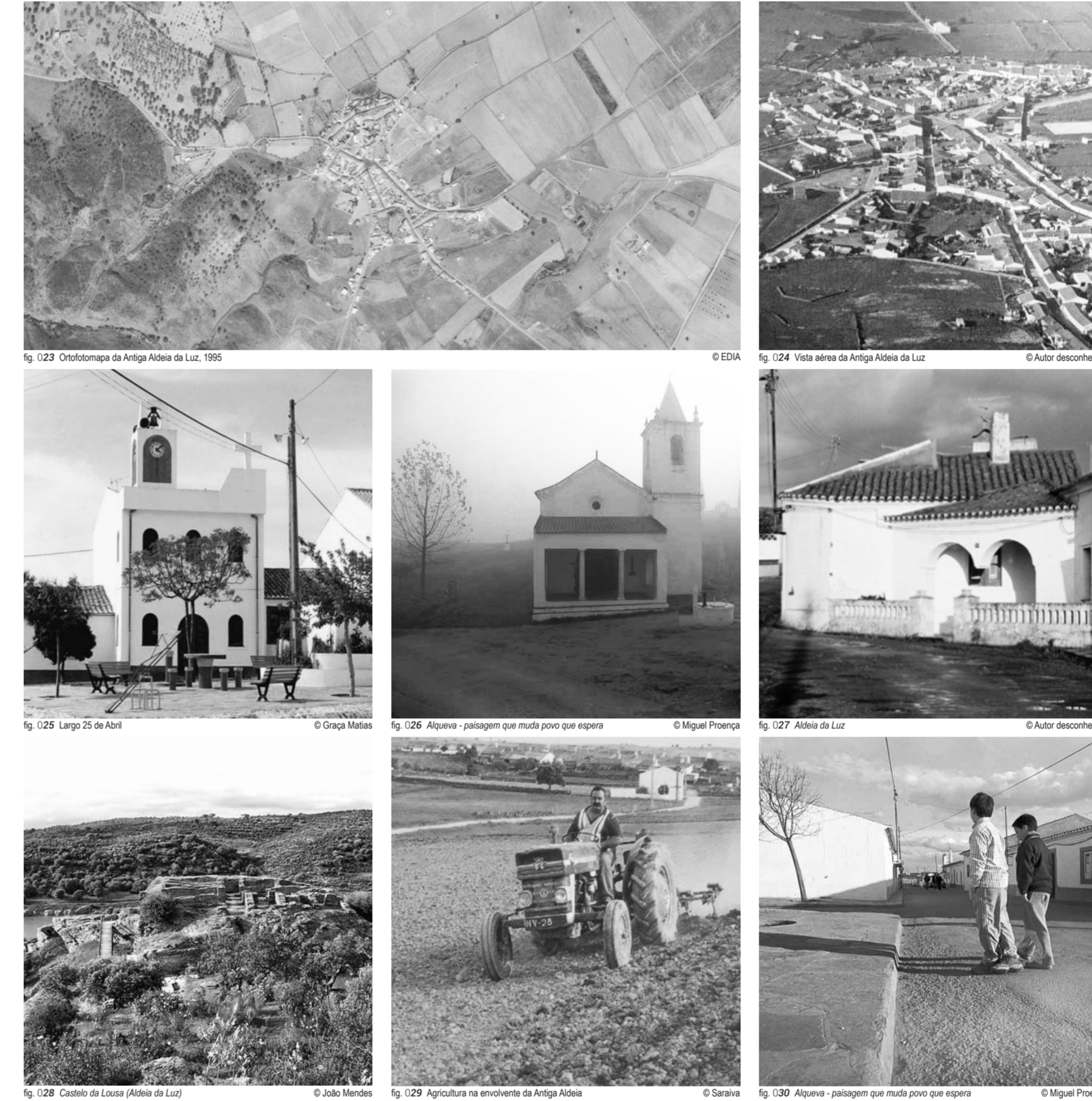


Plantas da relação entre as Aldeias e as margens (Rio e Lago)
As plantas representam a relação que as aldeias estabeleceram com as margens e o lugar em comum.

SÍNTESE FOTOGRÁFICA DO PROJECTO DA ALBUFEIRA DE ALQUEVA



SÍNTESE FOTOGRÁFICA DA ANTIGA ALDEIA DA LUZ



SÍNTESE FOTOGRÁFICA DA NOVA ALDEIA DA LUZ



PROJECTO DA NOVA ALDEIA DA LUZ

Referências ao projecto de Alqueva no plano de Rega do Alentejo.

Celebração do Convénio Luzo-Español relativamente à utilização dos rios internacionais.

Aprovação pelo governo da realização do Projecto de Alqueva. Início das obras. Interrupção das obras.

Resolução do Conselho de Ministros, nº395/80, promovendo a retoma dos trabalhos na barragem de Alqueva.

Realização dos estudos de Impacto Ambiental. Avaliação global dos impactos. Decisão do governo em reanalisar o projecto. Criação da Comissão Intersectorial da Empresa do Alqueva (CIEA) que dois anos mais tarde virá dar origem à EDA, S.A. (Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva).

Retoma dos trabalhos em Alqueva. Adjudicação da empreitada principal de construção da barragem e da central hidroeléctrica. Consolidação do envolvimento da União Europeia no projecto através da aprovação do FEDER (Programa Específico de Desenvolvimento Integrado da Zona de Alqueva).

Início das betoneiras na Barragem.

Fecho das comportas e início da subida das águas.

Entrada em funcionamento do grupo nº2 da Central Hidroeléctrica.

Inauguração da barragem e central hidroeléctrica de Pedrogão.

A Albufeira atinge a cota máxima 152m. Conclusão das infraestruturas de ligação ao abastecimento público.

Conclusão da instalação das 5 mini-hídricas do 52.000ha de área de regadio em exploração.

68.000ha de regadio em exploração. Entrada em obra de 20.000ha novas de regadio.

Entrada em obra dos últimos 30.000ha de regadio.

Conclusão das infraestruturas ativas ao Emprego de Fina Múltiplas de Alqueva.

Realização de alguns documentos que contribuíram para definir as opções sobre a construção da nova aldeia da Luz. Desenho conceptual (1974-83) (concluído à excepção da comissão de reabilitação da Aldeia da Luz; Proposta concisa da Câmara Municipal de Mourão e Junta de Freguesia da Luz. Relatório Intersectorial.

Proposta da Junta de Freguesia da Luz para o Realização de recolha etnográfica pelas autarquias; processo de reabilitação. Protocolo entre a Criação do GRAL na Luz (Gabinete para a Câmara Municipal de Mourão e a EDA, S.A.); Reabilitação da Aldeia da Luz apoiado nas áreas: Concurso Público Internacional para a elaboração Arquitectura, Investigação Social, História, do projecto do Plano Plurianual da Nova Aldeia Assistencial Social, Pedagogia, Civilidade, Ambiente e Engenharia Agrícola; Aprovação do Plano Plurianual da Nova Aldeia da Luz; Adjudicação da empreitada de construção civil da Nova Aldeia; Início do estudo prévio de Encarceramento Rural e Reestruturação Fundiária; Estudo do Impacto Ambiental; Início do processo de concertação das habitações com a população da Luz.

Realização das fundações para a construção da nova aldeia; Consulta para a elaboração de projecto de execução (muros, igreja e cemitério); Realização efectiva de trabalhos etnográficos para a equipa externa dentro do âmbito do Projecto de Assistência Técnica ao Museu da Luz.

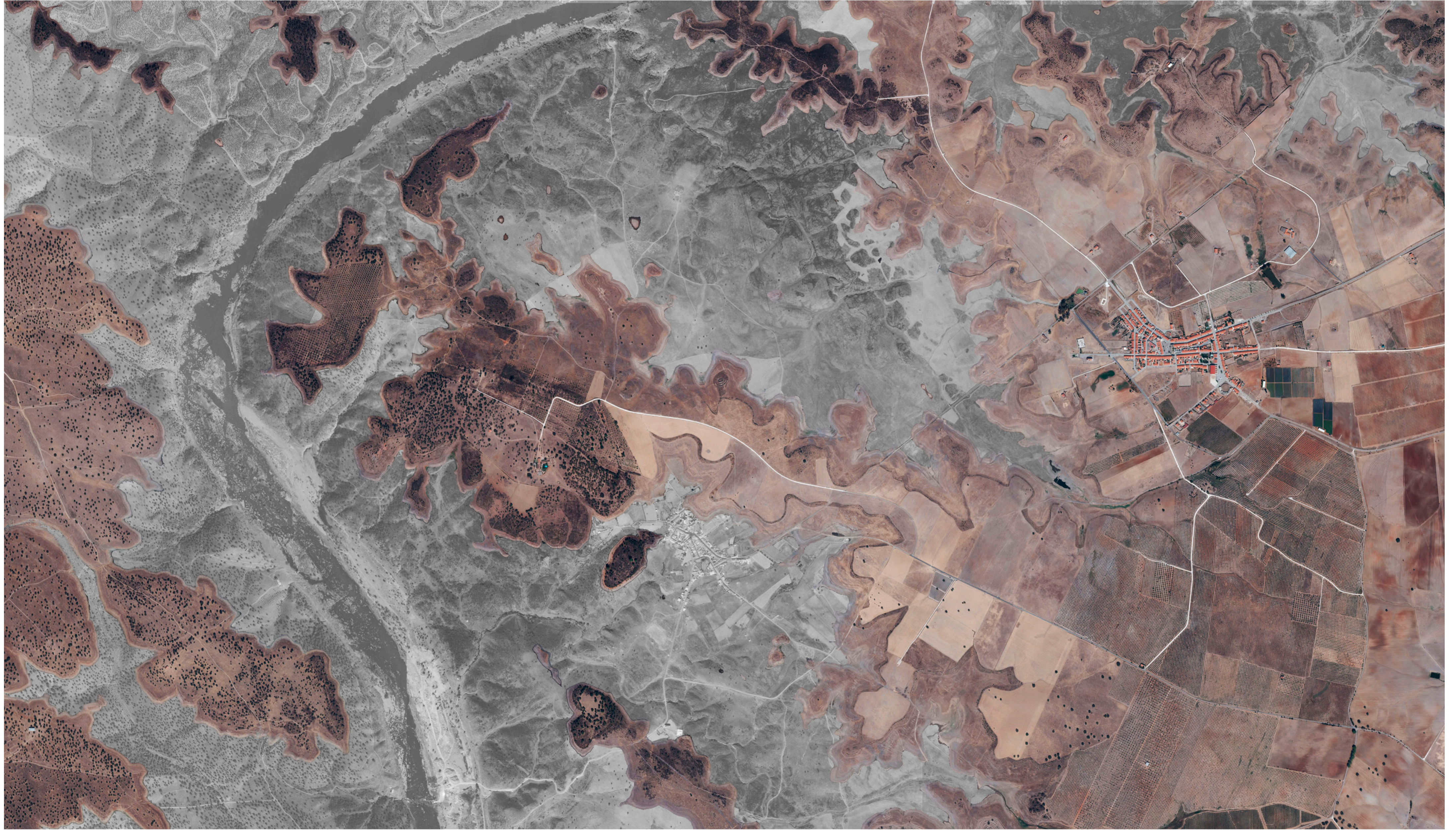
Elaboração do Projecto de Assistência Técnica ao Museu da Luz.

Ações de sensibilização da população para a problemática do museu na nova aldeia; Realização da exposição Memorial da Nova Aldeia numa parceria entre a EDA, as autarquias e a população; Realização efectiva de trabalhos etnográficos para a equipa externa dentro do âmbito do Projecto de Assistência Técnica ao Museu da Luz.

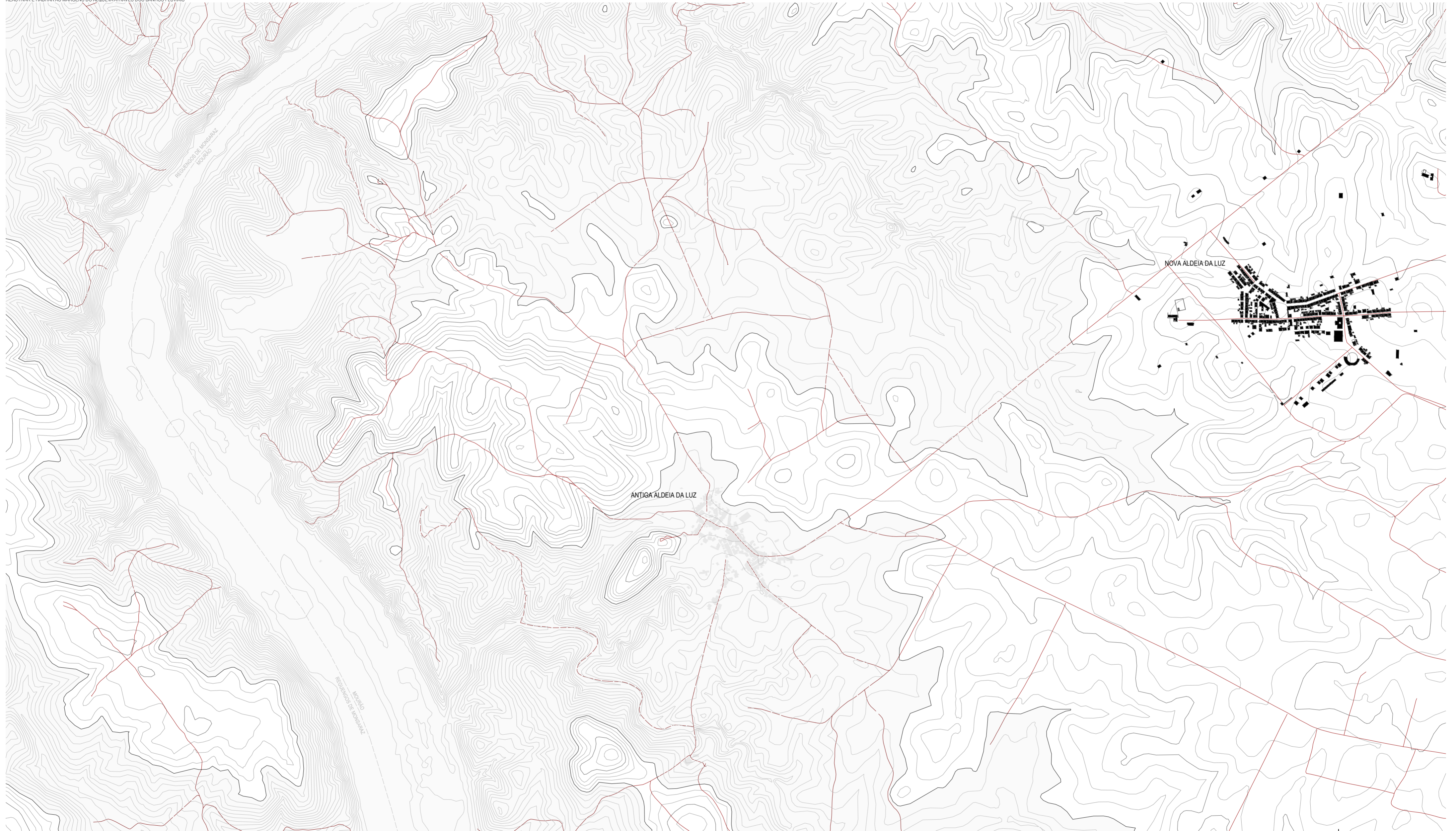
Conclusão da Nova Aldeia da Luz; Tradicionalização do ambiente da Antiga Aldeia; Sensibilização do antigo cemitério; Início da mudança das pessoas e dos bens para a nova aldeia; Realização da última festa tradicional na antiga aldeia; Escavações arqueológicas na Igreja de Nossa Senhora da Luz; Processo do Aldeia e Inauguração da Igreja do Sagrado; Criação de Jesus na nova Luz; Inauguração da Nova Aldeia.

Demolição da Igreja de Nossa Senhora da Luz e grupo de fontes; Demolição da Antiga Aldeia da Luz; Inauguração da igreja matriz e a primeira festa na nova aldeia; Inauguração do Museu da Luz.

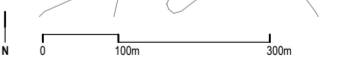
Cronologia comparativa entre o Projecto da Albufeira de Alqueva e Projecto da Nova Aldeia da Luz. A cronologia comparativa faz o cruzamento de informação temporal entre o que decorreu ao longo do processo do projecto da Albufeira de Alqueva e o projecto da Nova Aldeia da Luz.



Ortofotomapa 1995 e Ortofotomapa 2017 © EDIA
Os ortofotomapas localizam a Antiga Aldeia da Luz
e a Nova Aldeia da Luz.



■ NOVA ALDEIA DA LUZ ■ ANTIGA ALDEIA DA LUZ — ACESSOS --- ACESSO SUBMERSO --- FRONTEIRA MOURÃO - REGUENGOS DE MONSARAZ



Planta de Localização da Antiga Aldeia da Luz e da Nova Aldeia da Luz
A planta localiza a Antiga Aldeia da Luz e a Nova Aldeia da Luz.



- 01 CASAS INDIVIDUAIS
- 02 ÁREAS DE RECREIO
- 03 BARRIO DA LUZ
- 04 CANTINHO
- 05 ESCOLA
- 06 CAMPO DE FUTIBOL
- 07 CENTRO DE SAÚDE
- 08 CANTINA
- 09 JARDIM DE PRESERVAÇÃO
- 10 SOCIEDADE LUGUESA
- 11 JARDIM
- 12 ESCOLA PRIMARIA
- 13 PISCINA PÚBLICA
- 14 CAMPO DE FÓTBOL
- 15 CENTRO DE SAÚDE
- 16 BARRIO DA LUZ
- 17 BARRIO DA LUZ

0 5 10 20 30 40 50m

Planta da Nova Aldeia da Luz
A planta representa a actual organização da malha urbana da Aldeia da Luz.

Demolição da Aldeia da Luz começou ontem

Muitas vozes a favor, algumas contra

A Barragem de todos os sonhos

LUZ SUBMERSA

Último fim-de-semana, os habitantes já tinham abandonado a povoação. A Luz não será um das Furnas. Aos ex-moradores foi dado até esta semana para que o resto dos trabalhos de demolição, num deixa-andar saíam cadeiras e loiças. Portas e Candeeiros. E até a loja de Adelina, onde, nos últimos

A espera da enchente

Alqueva vai inundar 250 quilómetros quadrados, o triplo da área de Lisboa. No Verão de 2000 haverá uma nova aldeia e até lá estarão estudados mais de 1500 locais com interesse histórico

MÁRIO ROBALO

NO INVERNO do ano 2000, quando as águas da Barragem de Alqueva inundarem a aldeia da Luz, já estarão estudados os 250 quilómetros quadrados da albufeira por onde se estende um inenarrável património construído, datado de entre o Paleolítico e o século passado. Na nova aldeia, que ficará concluída na Primavera anterior ao enchimento da albufeira, os 400 moradores serão instalados nas casas que eles próprios «desenharam» conjuntamente com os técnicos da Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA). Um primeiro projecto da estrutura urbana foi apresentado aos moradores em Outubro passado. Para espanto de todos, cada um reentrou no estudo a sua onde actualmente reside, a localização da sua casa e dos espaços de convivência, como a igreja, o tanque e a praça de touros. É que a futura aldeia vai ser feita à imagem da actual.

Maria João George, responsável pelo Gabinete para Reinstalação da Aldeia da Luz da EDIA, reconhece que «o processo de instalação de uma população inteira não deve confiar-se à arquitectura». Por isso se começou por respeitar as relações de vizinhança, antes de criar novas estruturas de requalificação urbana: jardim público, museu e centro de artesanato. Só mais tarde se efectuou um levantamento das condições de habitabilidade de cada casa, para se compreender se as famílias queriam dar uma «armadura» diferente à nova habitação.

Em defesa da igreja

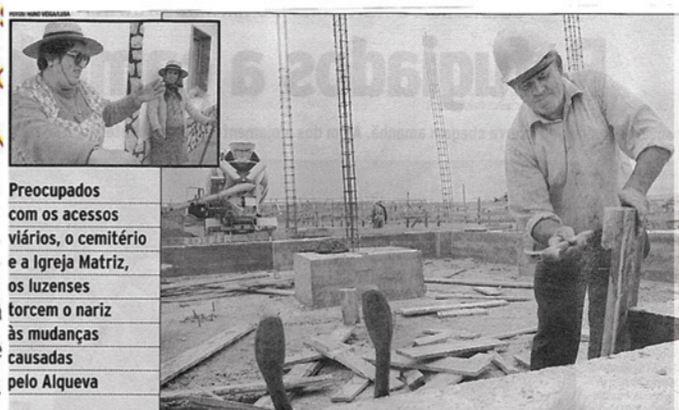
Exigência de que a população da Luz pouco ou nada se desloque para a nova aldeia. Cauteloso, o presidente da Junta de Freguesia, Francisco de Oliveira, defende que «deveria ser recolhido o maior número de materiais, como por exemplo a zona do altar-mor, para implantar num novo edifício». O autarca justifica a sua pretensão no facto de

Morrer para começar de novo

Caem as comportas da Barragem de Alqueva. Para além do deserto

Assim nasce, dizem, o maior lago artificial da Europa. Este é um inventário possível das perdas. Da Aldeia da Luz. Mas não só. A memória corre lenta, mais longe. Como água.

HÁ UMA ALDEIA QUE FICARÁ: AO VIRAR DA ESQUINA, DEPOIS DO ALTEJEJO "PROFUNDO" GANHA A DESIGNAÇÃO ACARRETA.



Preocupados com os acessos viários, o cemitério e a Igreja Matriz, os luzenses forçam o nariz às mudanças causadas pelo Alqueva

HABITANTES CONTINUAM A CONTESTAR O PROJECTO

Nova Aldeia da Luz já foi apresentada

A frase tem sido repetida quase até à exaustão: "Alqueva não é só rega e abastecimento de energia eléctrica", dizem, mais coisa menos coisa, governantes, dirigentes políticos e outros responsáveis que vão passando pelo estaleiro da barragem. As potencialidades turísticas do espelho de água que agora começa a surgir Guadiana acima

BARRAGEM ■ ALBUFEIRA ENCHE E AFOGA ALEGRIAS DO PASSADO

Aldeia da Luz desapareceu

Do terreno onde era a velha aldeia só uma pequena parcela permanece à vista

Les âmes perdues d'Alqueva

À su sud de Portugal, les quatre cents habitants de Luz quittent leur village avant que le plus grand lac artificiel d'Europe ne l'englobe.



Alqueva a nova fronteira

As pessoas a como antigam pouco sem vida. resse por nada. l sem três desa cisc dent gues D ca ! aliá: men terr: lhaz po vai passando algumas infra sistem e, te

“Ninguém tem interesse por nada. Isto é uma freguesia sem lei”

A Aldeia da Luz espera pelo Alqueva, o proprietário pela indemnização e todos esperam os campos de golfe

A queda deste agricultor está em cima na Relação de Évora, depois de duas das indicações iniciais. Filipe I engatou-se as hipóteses de recorrer aos tribunais, enquanto corre o relógio dos meses que vão compondo o espectro final da nova Aldeia da Luz.

MADALENA LINO ■ Évora

► A certeza de que com a construção da barragem de Alqueva a aldeia da Luz ficaria submersa fez desta localidade uma das mais badaladas do País. Vinte e três meses após a abertura das comportas desta gigantesca obra, os terrenos onde em tempos famosa localidade estão práticos todos submersos.

A água chegou à velha aldeia quando atingiu a cota 137,7 do Verão passado. Durante os seguintes meses o nível da água subiu mas a partir de Outubro a cota alterou-se. De então a água foi ganhando terreno e a cota 143,34. De fora está a aldeia, e o local onde em tempos estiveram edificadas as três p

ÁGUA SOB A PASSO LENTO

► Com uma área de enchimento cada vez mais vasta, os metros demoram mais tempo a aumentar na albufeira de Alqueva. Neste momento faltam 8,66 metros para se alcançar a cota máxima (152). Actualmente na cota 143,34, a



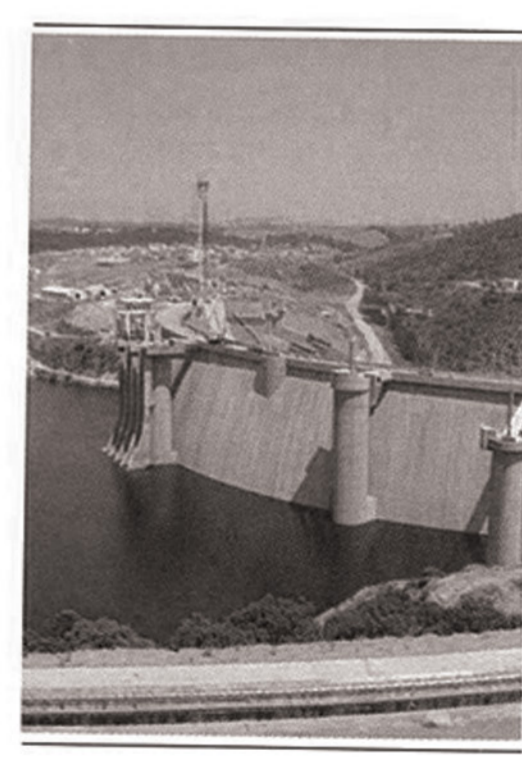
ESCOLA DE ALTEJEJO

Andar com a casa às costas

ALDEIA DA LUZ População está descontente com processo de reinstalação

Alqueva faz renascer 16 aldeias

A Empresa de Desenvolvimento da Infra-estrutura do Alqueva (EDIA) apresentou, em 19 de Novembro, durante a cerimónia de inauguração da Aldeia da Luz, o programa de investimento público Aqua - Programa de Ambiente e Qualidade Urbana dos Aglomerados de Alqueva, que irá ser implementado pela GestAlqueva. Requalificar do ponto de vista ambiental e urbano as 16 aldeias, que vão passar a distar poucos metros do plano de



Colagem de manchetes

A junção de notícias sobre o aparecimento do Lago do Alqueva e a Aldeia da Luz mostra a polémica do processo de mudança.

A ARQUITECTURA SOB(RE) A ÁGUA

Habitar a água, Prover da água, Fruir na água

¹¹ BASTOS, Cristiana. "Os usos sociais da água".

Desde o início que o diálogo entre a Arquitectura e a água é inerente, e para o compreendermos melhor é pertinente estudar a arquitectura da água e como se relaciona com o homem.

Na antiguidade, a água foi um mote para a povoação por parte do homem. O surgimento de pequenas localidades permitiu a variedade da sua utilização. Neste sentido, a básica necessidade de saciar a sede ou de lavar possibilitou que o homem nómada se sedentarizasse e permitisse a captação de água por estruturas que a trouxessem de longe.

O aproveitamento da água para o homem sedentário tornou-se imprescindível e desde então o seu lado vernacular manifesta-se na Arquitectura desde a sua recolha, transporte e armazenamento. Os Qanat são um sistema de túneis elaborados pelos persas no primeiro milénio a.C. no actual Irão, que tinham como objectivo trazer a água do subsolo para as planícies agrícolas e para as vilas e cidades de forma a ter baixas perdas para, também, combater os períodos da seca. Para permitir a sua recolha, os persas construíam um túnel crucial que atravessava a montanha e os campos agrícolas a serem irrigados, de forma a extrair a água subterrânea que escorria por gravidade vinda da bacia montanhosa. Por sua vez, os poços verticais eram escavados à mão, permitindo apenas a passagem do agricultor, por onde era possível ventilar o túnel principal, a remoção de sedimentos excessivos e a sua manutenção. A partir da Pérsia, o sistema de qanats passou a ser utilizado no Afeganistão, Paquistão, Ásia Central, Médio oriente, Norte de África e Espanha. O exemplo dos túneis do qanat transpõe-nos para uma Arquitectura vernacular que colhe a água para alimentar o homem que tenciona criar raízes num lugar.

A sabedoria que hoje adquirimos sobre a água foi motivo para a evolução do homem sedentário, mas também para alargar a sua diversidade enquanto recurso. As suas características tornaram-na "(...) boa para beber, para engarrafar e vender, para regar, para entreter, para lavar e curar, para pescar e nadar, para reunir e dividir, para falar e simbolizar, a água é também boa para pensar, tematizar e problematizar na tradição da teoria social."¹² Desta forma, surge a vertente lúdica da água em que a Arquitectura traz o bem-estar do homem na sociedade. Este recurso revela-se como catalisador da produção de alimento, mas também como um estímulo para o lazer que surge de acordo com a cultura envolvente.

As cascatas de ouzoud, situadas na parte central de Marrocos, são o exemplo íntegro da ocupação do homem na sua proximidade para uso explícito de lazer. A sua queda com cerca de 110m de altura origina um escoamento forte de águas que permitiu aos locais instalarem-se nas suas margens, através de elementos quase efémeros que concedem o seu usufruto adjacente ou sobre o rio. Através de pedras eles constroem pontes e sítios de permanência sobre a água, e através de placas constroem pequenos restaurantes. Confinantes com o rio, os locais deslocam-se para fruir da temporada de férias.

Esta triologia essencial ao homem demonstra que a Arquitectura e a água desde a sua origem, passando pelo seu lado vernacular até à contemporaneidade existem como uma união que é transversal na sociedade, nas culturas e no tempo.



fig. 039 Túneis Qanat

© Autor desconhecido

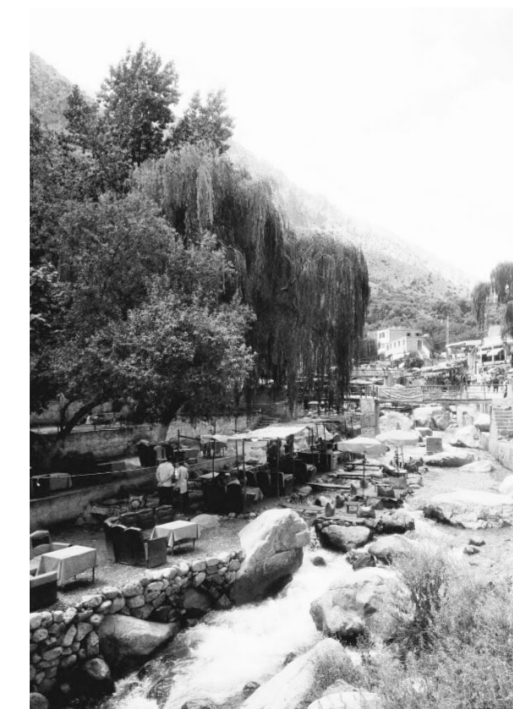


fig. 040 Margens do rio proveniente das cascatas

© Carolina Couto

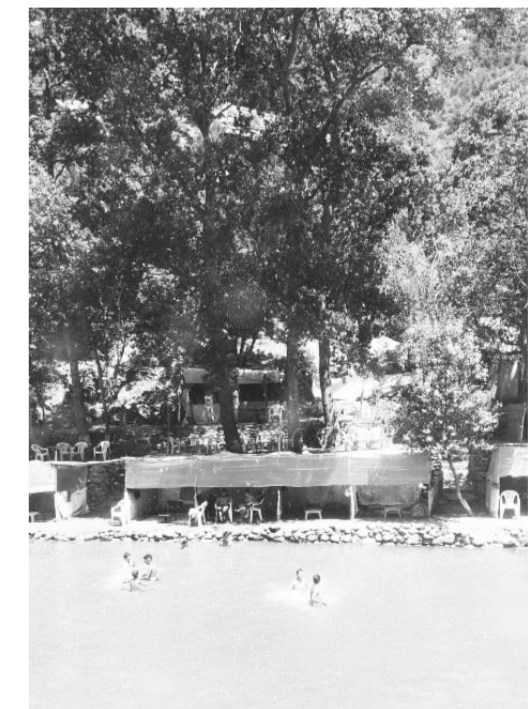


fig. 041 Banhos no rio

© Carolina Couto

BANHOS NO LAGO

O aparecimento do grande lago gerou uma falta de empatia entre as comunidades e o plano de água.

Quando permanecemos neste território e observamos o comportamento das comunidades ribeirinhas nas diversas épocas do ano, é perceptível que nas alturas mais quentes, em que as temperaturas andam próximas dos 40°C, constatamos que o lago é utilizado para actividades balneares através dos cais-ancoradouros, sendo as únicas estruturas que existem para o usufruto da água sem zonas próprias para o fazer, à excepção de Monsaraz e Mourão com a existência de praias fluviais. Apesar da existência das praias, as actividades lúdicas como a pesca são quase inexistentes e esta forma de usufruir da água continua a verificar-se nas restantes comunidades limitrofes.

A margem é um mediador entre a terra e a água que se encontra desprovida de biodiversidade e utilidade humana, por isso surge a oportunidade de criar actividade lúdica no lago. Os Banhos no Lago é a proposta que tem como objectivo aproximar as comunidades ao plano de água e completar os caminhos que estranhamente foram interrompidos pela massa de água, que, simultaneamente, é atribuído um novo sentido a estes caminhos, devolvendo às comunidades um novo sentido sob(re) o Alqueva.



fig. 042 Piscinas das Marés, Portugal, Arq. Álvaro Siza Vieira

© Nicolò Galeazzi

REFERÊNCIAS

O programa proposto baseia-se em três conceitos: abrigar, unir e fruir. *Abrigar* conta com um espaço destinado ao conforto dos visitantes no usufruto do lago, *Unir* estrategicamente os espaços entre o território e os espaços com actividades lúdicas próximas da margem no sentido de *Fruir* na água do Alqueva.

O Abrigo é uma estrutura simples que pretende ser uma espécie de balneários para conforto dos visitantes. O seu objectivo é dar apoio ao programa fulcral do projecto - os banhos fluviais, e de aproveitar a sua posição para estabelecer uma relação entre a comunidade local e o lago. Desta forma, as referências relacionadas com esta parte do programa vêm de meios fluviais e marítimos. São os casos: Hangar Centro Náutico, Parque de Campismo de Abrantes, as instalações de Hasle Harbour Baths e Kastrup Sea Baths.

Ao longo do trabalho, a questão dos acessos, que se perderam com a presença do regolfo, têm sido essencial para entender que o projecto tenciona reforçar a relação entre a comunidade e a albufeira do alqueva. As referências são: Ponte de água, a Ponte de moisés, a Ponte flutuante holandesa e os Pontões Flutuantes, sendo opções fortemente relacionadas com a oscilação da água e das marés e como esse acontecimento pode enfatizar a sua função de unir sem que tenha que desaparecer.

A criação de espaços para actividades lúdicas no lago do alqueva tem sido um resultado para solucionar a larga faixa intermitente que por outros estudos, é considerada o factor de desconexão entre o território e a albufeira. O programa prevê a criação de um espaço lúdico na margem para aproveitar o lago e as oscilações da água como parte integrante do projecto. As referências apresentadas, para compreender como o programa lúdico pode surgir entre a terra e a água são as Piscinas das Marés e o Órgão do mar. No entanto, também sobressaíram alguns casos em que a sua implantação não se encontra no limite da margem, mas mantém a conexão entre o território e a água, como os Molhes do douro e o Canal de nadadores.

ABRIGAR

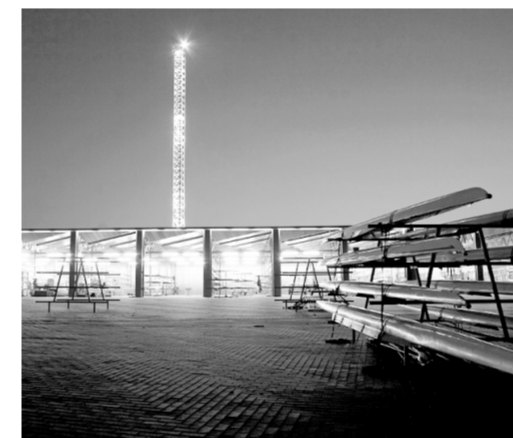


fig. 043 Hangar Centro Náutico, Portugal. Arq. Miguel Figueira © Autor desconhecido



fig. 044 Parque de Campismo de Abrantes, Portugal. Atelier Rua © Archdaily



fig. 045 Hasle Harbour Baths, Dinamarca. White Arkitekter © Archdaily



fig. 046 Kastrup Sea Baths, Dinamarca. White Arkitekter © Archdaily

UNIR



fig. 047 Ponte da Água, Alemanha. Ayse Erkmen © Autor desconhecido



fig. 048 Ponte de Moisés, Holanda. RO&AD architecten © Archdaily



fig. 049 Ponte Flutuante Holandesa, Holanda. RO&AD architecten © Autor desconhecido



fig. 050 Pontões Flutuantes, Itália. Christo e Jeanne Claude © Archdaily

FRUIR

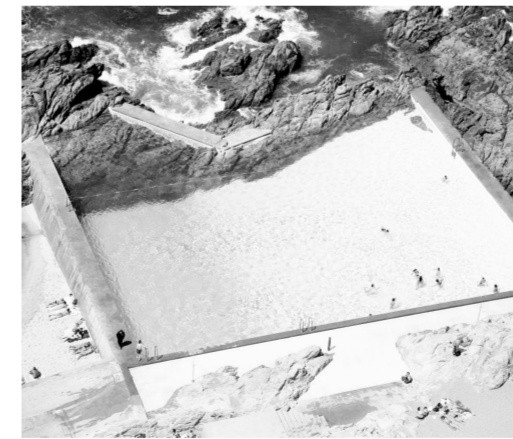


fig. 051 Piscinas das Marés, Portugal. Arq. Álvaro Siza Vieira © Archdaily



fig. 052 Molhes do douro, Portugal. Arq. Carlos Prata © Archdaily

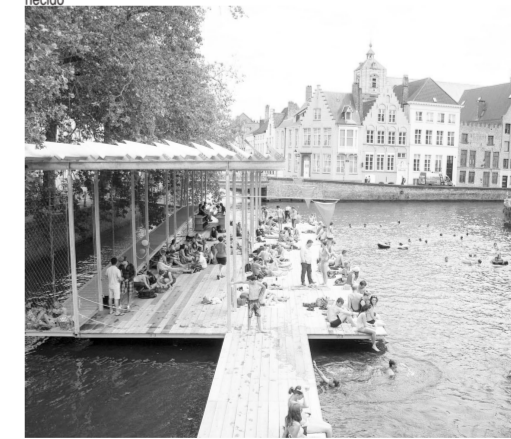


fig. 053 Canal de nadadores, Bélgica. Atelier Bow-wow e Architectuuratelier Dierick © Archdaily



fig. 054 Órgão do mar, Croácia. Arq. Nikola Babić © Autor desconhecido

ALDEIA DA LUZ

O Lugar

As margens da Aldeia da Luz foi o local seleccionado para desenvolver uma estratégia de intervenção. A aldeia foi o lugar que mais sentiu a forte mudança com a presença do Lago.

Na verdade, sempre teve uma ligação intrínseca com o plano de água, em que remota para tempos romanos, que se localizava num sítio particular que permitia o controlo de navegação no Rio Guadiana através do Castelo da Lousa, que por sua vez era acessível por um caminho que vinha da aldeia. No entanto, à cota que o núcleo urbano se desenvolvia não sobreviveu às águas do lago.

A nova aldeia da Luz foi projectada antes do enchimento da barragem chegar à cota desejada, por isso a relação entre a comunidade e o lago deveria ser rica em possibilidades no seu uso. No entanto, não existe nenhuma estrutura que permita usufruir das águas de uma forma lúdica. No limite da aldeia foram previstas áreas complementares de lazer junto ao plano de água, segundo a estratégia PE-AQUA, que previa "(...) Nos pontos mais próximos das duas margens localizam-se espaços de recreio e lazer (...)"; "Em terra, os percursos de natureza são múltiplos, buscando as memórias da aldeia da Luz submersa a Sul, ou as áreas de vocação turística a Norte. Sede de freguesia, dispõe dos equipamentos e serviços que justificam a sua progressiva e equilibrada ocupação com alojamento turístico de aldeia e equipamentos de animação turística (T5), numa perspectiva de complementaridade do uso turístico do plano de água."

A intervenção, de acordo com o panorama cultural que se vive na população e a procura turística que se sente, é necessária para repensar a aldeia com base na sua condição espacial e nas intenções já apresentadas.

¹⁸ SARAIVA, Clara. "Luz e Água Ethografia de um processo de mudança".

*"Eu fui ver a nossa aldeia
E fiquei desanimado
Vi uma coisa muito feia
Há alguém que foi culpado
Se o povo tem ficado
Duzentos metros mais a frente
Ficava bem colocado
Todos ficavam contentes*

*Surpreendeu muita gente
E é para admirar
Uma obra tão recente
Tão feia vai ficar
É triste acontecer
Errar desta natureza
Devem-se arrepender
Tenho eu a certeza"¹⁹*

O LOCAL DE IMPLANTAÇÃO

O acesso principal da antiga aldeia que vinha de Mourão era o eixo que estruturava a malha urbana. A partir do núcleo (Largo 25 de Abril) os restantes caminhos tomavam direcções opostas: Castelo da Lousa e Campinho.

A antiga ligação ainda existe na nova aldeia, mas encontra-se inactiva pela falta de uso e, principalmente, porque foi interrompida pelo regolfo de uma forma insólita. O sítio de implantação encontra-se no fim deste percurso, onde surge a oportunidade de implementar um programa de banhos e reforçar a continuidade do antigo caminho principal para o antigo lugar da Luz. Instalar um programa neste limite irá potenciar a aproximação da comunidade ao plano de água, mas também o estado da margem.

É na especificidade do local que tentamos prever o que ele permite reinventar, procurando a resposta para a sua reformulação.



Plantas esquemáticas do local de implantação
O desenho mostra o estado inicial do lugar até à proposta de projecto.



0 20m 100m

Ortofotomapa local de implantação

O ortofotomapa assinala o local de implantação.

A ESTRATÉGIA

O percurso entre a aldeia e as margens do lago como programa

O projecto são pequenas acções estimuladas pela arquitectura e a paisagem entre a aldeia da Luz e o lago do Alqueva através de um percurso. Torna-se pertinente pensar qual a relação que a aldeia tem com o lago ou de que forma essa relação se pode potenciar. Numa análise às margens das aldeias ribeirinhas, percebemos que à excepção dos cais-ancoradouros não existem condições para que a comunidade possa estabelecer um contacto lúdico com o lago.

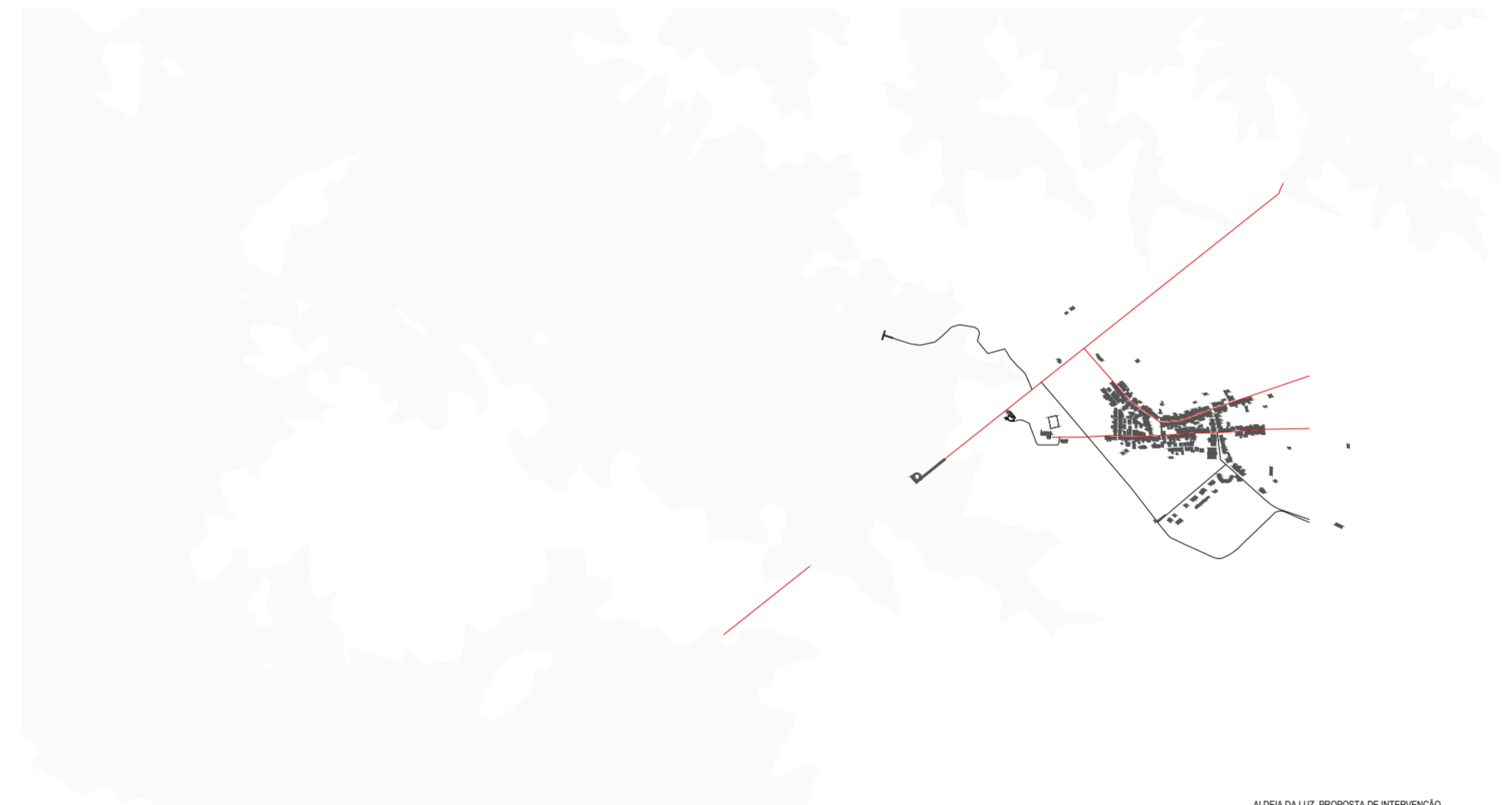
O antigo sítio da Luz remota para a primeira altura em que o rio Guadiana começou por ser colonizado pela primeira construção, o Castelo da Lousa. A apropriação do território no novo sítio da Luz carrega uma nova identidade, e a fundação deste novo lugar pretendeu fazer "(...) uma analogia com a antiga igreja - a igreja e o cemitério como fortes elementos de identidade e o museu como elemento fundador do novo lugar, como a noção representativa de substituição."²⁰ O Museu da Luz dos arquitectos Pedro Pacheco e Marie Clement surge como um local que armazena a memória que o sítio da Luz carrega, em que a sua localização se sobreleva ligeiramente à cota máxima do nível das águas, estendendo-se pelo espaço urbano no final de um dos acessos principais.

Atendendo ao principal acesso proveniente de Mourão que atravessa toda a aldeia e que termina no Museu da Luz, pretende-se dar continuidade ao mesmo por um acesso pedestre que termina no Monte dos Pássaros. De seguida, encontramos uma estrutura de apoio - *Abriço* - com balneários, que permite uma situação mais cómoda para as pessoas no que se refere ao usufruto do lago. O percurso alarga-se e considera o antigo eixo viário de Mourão para aceder à plataforma de banhos no final desse caminho.

A plataforma localizada no limite entre o caminho e o plano de água contém o programa lúdico para banhos que tem o intuito de ser usufruída pelos visitantes e habitantes da aldeia.

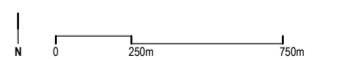


ALDEIA DA LUZ, 2017



ALDEIA DA LUZ, PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

— ACESSO PRINCIPAL — ACESSO SECUNDÁRIO



Plantas esquemáticas dos acessos

O esquema representa os acessos considerados principais e secundários na aldeia e para a proposta de intervenção.

A ESTRATÉGIA

Espaços existentes que enriquecem o percurso

A estratégia surge a partir da necessidade da comunidade Lucenze se aproximar do lago e criar laços com o mesmo. Por isso, os espaços existentes já frequentados pela população são considerados relevantes para o percurso e, conseqüentemente, impulsionadores para que surja esta ligação.

Deste modo, a criação de novos espaços públicos na aldeia da Luz surgem naturalmente a partir deste caminho. A partir do centro da aldeia - Largo 25 de Abril, os visitantes conseguem caminhar até ao Museu da Luz, que já é regularmente visitado pela memória que apresenta sobre o lugar. Posteriormente segue-se para o Monte dos Pássaros, onde contém a única construção remanescente da antiga aldeia da Luz. A casa é actualmente uma espécie de museu que restitui o ambiente doméstico do monte alentejano das últimas décadas do século XX.

É aqui que o projecto nasce, através de um percurso que se agarra aos lugares enriquecedores da aldeia e os torna parte integrante do caminho a percorrer.

1. LARGO 25 DE ABRIL

O largo é o centro da Aldeia da Luz. Aqui é o ponto de encontro da comunidade e serve como ponto de partida do percurso.



fig. 055 Largo 25 de Abril

© Sofia Couto

2. MUSEU DA LUZ

Um local fortemente adorado pela comunidade luzence, fundador das memórias do antigo sítio da Luz, que é visitado durante todo o ano por grupos que pretendem satisfazer a curiosidade sobre toda a mudança vivida na povoação. Um sítio que se debruça sobre a paisagem do Alqueva e remata o acesso vindo do largo 25 de Abril numa pequena praça com a Igreja e o cemitério.



fig. 056 Museu da Luz

© Archdaily

3. MONTE DOS PÁSSAROS

Marca a identidade num território transformado, o Monte dos Pássaros é a única construção remanescente da antiga Aldeia da Luz. É um espaço de exposição pertencente ao Museu e restitui o ambiente doméstico que se vivia até às últimas décadas do século XX.

O seu espaço está relacionado com o Museu através de um percurso de pé posto, e encontra-se de costas para o Lago do Alqueva.



fig. 057 Monte dos Pássaros

© Pedro Pral

O LOCAL DE IMPLANTAÇÃO

O local é o resultado do aparecimento da albufeira do Alqueva.

Com a falta de adaptação do espaço à água, onde o espaço de traseiras do Monte dos Pássaros e o desaparecimento repentino da antiga estrada proveniente de Mourão para a antiga Aldeia da Luz coabitam sem qualquer preocupação de espaço público, tornam-se assim locais expectantes.



fig. 058 Caminho antigo para a Aldeia da Luz

© Sofia Couto

A RELAÇÃO COM A MARGEM

Um projecto que se molda à mutabilidade das margens

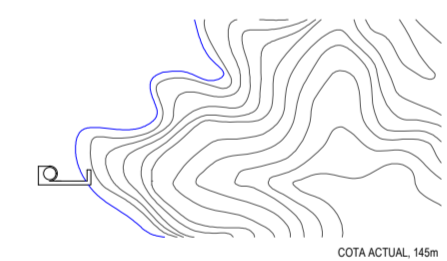
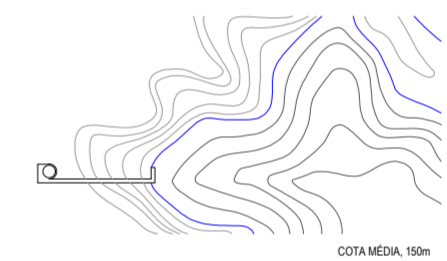
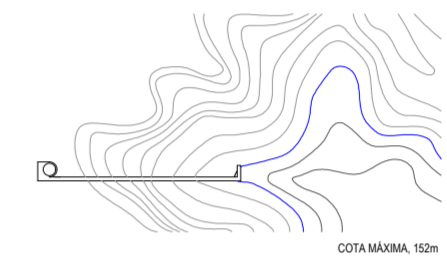
A configuração das margens varia em função da subida e descida do nível das águas ao longo do território do Alqueva.

Neste lugar, o caminho torna-se mais evidente quando a cota do nível das águas se encontra abaixo da cota média, dando uma sensação de estranheza perante um caminho que acaba por não ser possível percorrer, mas visualmente ele continua por baixo de água.

A forma como a leitura do sítio se encontra intrinsecamente relacionada com a mutabilidade do lugar devido ao panorama da margem, o projecto proposto procura explorar uma continuidade visual entre o meio terrestre e lacustre através da plataforma para banhos que se estende no plano de água.

A cota da plataforma encontra-se a 150m, coincidindo com a cota média do nível das águas. Conforme os dados retirados do Sistema Nacional de Recursos hídricos onde consta as cotas máximas atingidas mensalmente, a cota máxima de 152m nunca foi atingida, no entanto não se exclui a hipótese de existir um momento em que a precipitação seja elevada e a cota da água atinja os 152m. Por isso, a proposta prevê um aumento no seu comprimento para se ancorar à cota 153m. Através da colocação de uma peça fixa é possível amarrar a plataforma e assim obter a continuidade e permeabilidade pretendidas.

Desta forma, o projecto vem valorizar a margem podendo corresponder à sua constante mutabilidade.





1. LARCO DE ABRI
2. MURRU DA LIZ
3. MONTE DOS PASSAROS
4. ABRIÇO
5. BANHOS

○ EQUIPAMENTOS — PERCURSO PROPOSTO

0 40m 120m

Planta de proposta geral

A planta representa o percurso proposto entre os espaços de permanência, a proposta de projeto e os equipamentos.

EQUIPAMENTOS

A relação entre a comunidade Luzence e o Lago de Alqueva é feita através de um cais-ancoradouro, no entanto carece de alguns aspectos como foi referido anteriormente. Por isso, surgem os equipamentos como apoio durante o percurso proposto. Estes procuram incorporar a importância da paisagem e dos espaços existentes no acto de caminhar, servindo as necessidades dos visitantes e da captação dos mesmos.

Os equipamentos são bancos com uma estrutura de apoio a bicicletas que se encontram em sítios cruciais na Aldeia da Luz. Através destas micro-intervenções o visitante sente-se mais cómodo a caminhar e é convidado a experienciar este percurso sensorial.

Esta vertente do projecto impulsiona a curiosidade desta viagem, estando associada não só à exploração dos espaços existentes, mas também à descoberta da fauna e flora e, principalmente, do Lago de Alqueva. As peças criadas são formadas de acordo como queremos que o espaço seja utilizado. Perante um banco com estruturas para pousar bicicletas, vamos mais além do que o seu propósito, o mesmo coze o percurso e sugere um lugar de repouso.

Os equipamentos são introduzidos de uma forma cirúrgica que responde às necessidades do visitante e conduz ao lago através de um percurso estimulado pela história do lugar.



fig. 059 Fotomontagem Equipamento

© Sofia Couto

ABRIGO

É no lugar mais visitado pela comunidade que nasce o *Abrigo*. É no sítio do Monte dos Pássaros que é desenhado um pequeno espaço que é similar à construção já existente.

A planta rectangular e a cobertura de duas águas sugere o auxílio e permite que os visitantes possam tomar banho ou trocar de roupa de forma cómoda. Esta prática é intuitiva e antecede a possibilidade de um mergulho no lago.



Fig. 060 Fotomontagem Abrigo

© Sofia Couto

BANHOS

A abundância de água do lago não se pretendia que fosse vista apenas como devastadora das memórias do Guadiana, mas como uma potencialidade de trazer essas memórias de volta.

De uma forma lúdica, através de um espaço de lazer, criado para a população, exploramos a relação entre o lago e a mesma. Por isso, desenhou-se uma peça, sem complexidade, assumindo uma plataforma que não é fixa, mas é flutuável que permite uma melhor permeabilidade das águas do lago e onde é possível mergulhar e banhar-se numa zona mais controlada. É neste lugar onde a mancha de água ganha força e invoca as antigas boas práticas da altura do rio.

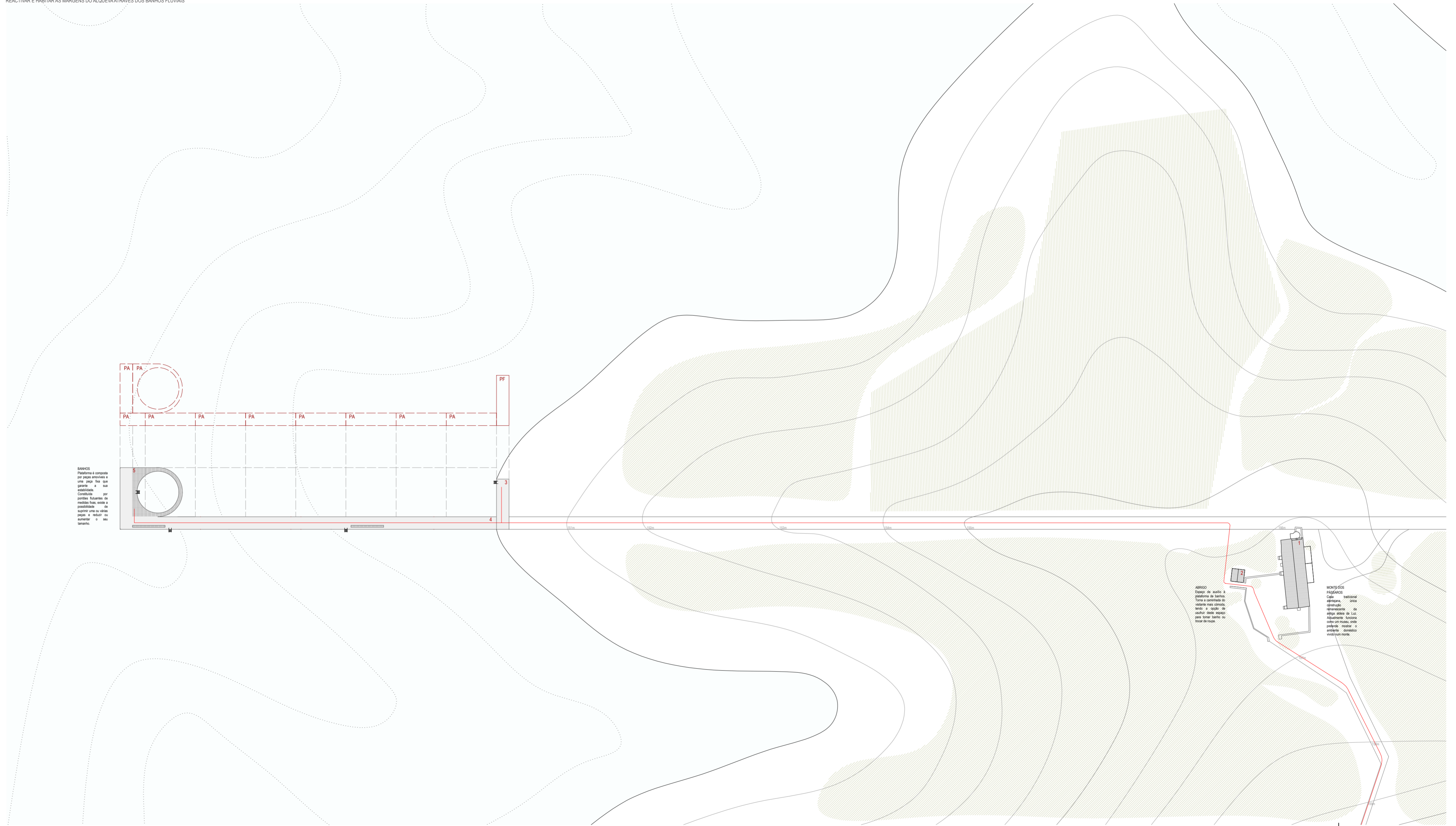


fig. 067 Fotomontagem Banhos

© Sofia Couto

ELEMENTOS GRÁFICOS

Planta geral . 1/1000
Planta Abrigo e Monte dos Pássaros . 1/100
Cortes Abrigo e Monte dos Pássaros . 1/100
Corte Construtivo Abrigo . 1/25
Corte Construtivo Banhos . 1/50

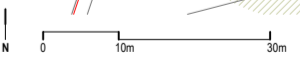


BANHOS
 Plataforma a composta por duas estruturas e uma praça fixa que garante a sua estabilidade por pontos. Substitui os tradicionais de madeira fixos, evita a possibilidade de raspar a areia ou virem por cima e reduzi o tamanho.

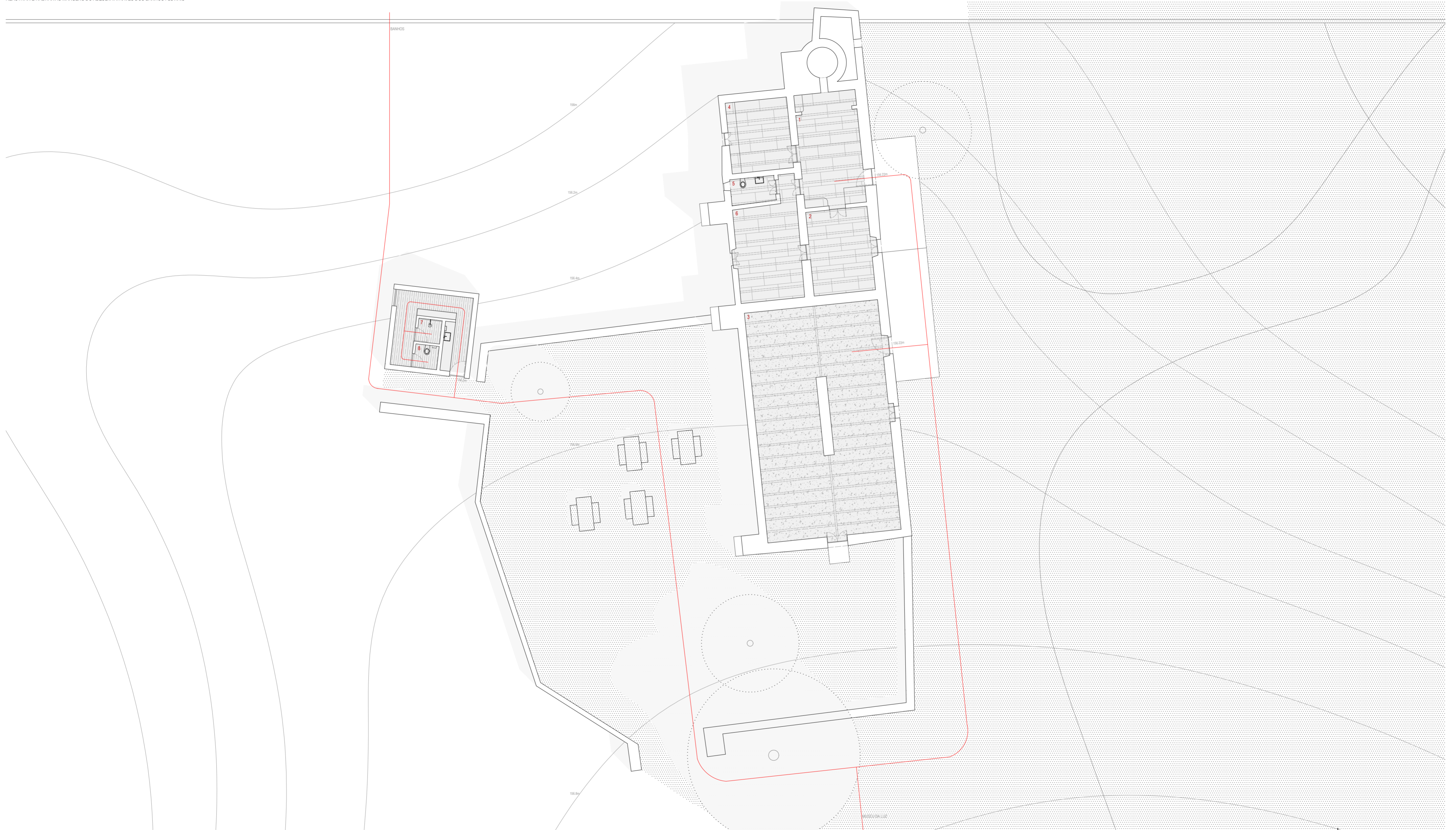
ABRIGO
 Espaço de apoio à utilização do banho. Torna a caminhada do visitante mais cómoda, sendo a opção de castor, sendo adequado para fornecer banho ao longo do tempo.

MONTE DOS PASSAROS
 Casa tradicional alentejana, obra de intervenção de alguns alunos da Luc Albuquerque, funciona como um museu, onde pretende mostrar o ambiente doméstico tradicional montês.

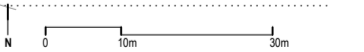
- 1. MONTE DOS PASSAROS
 - 2. ABRIGO
 - 3. PLATAFORMA DE CHEGADA
 - 4. PLATAFORMA DE BANHOS
 - 5. BANHOS
- PF: PLATAFORMA FIXA
 PA: PLATAFORMA-MÓVVEL
 PERCURSO



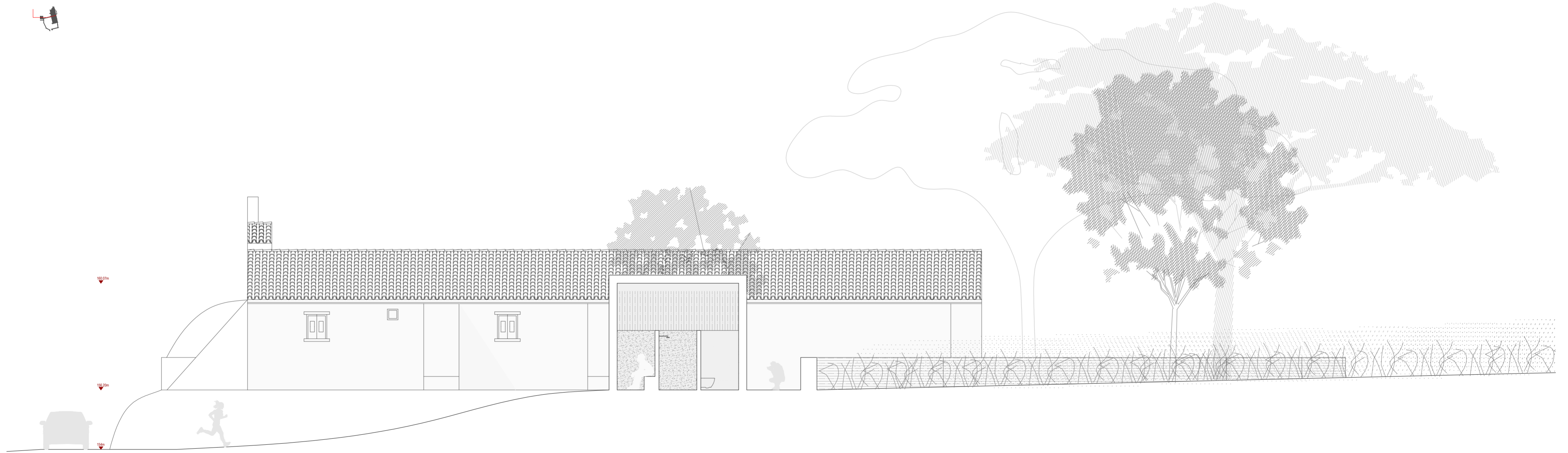
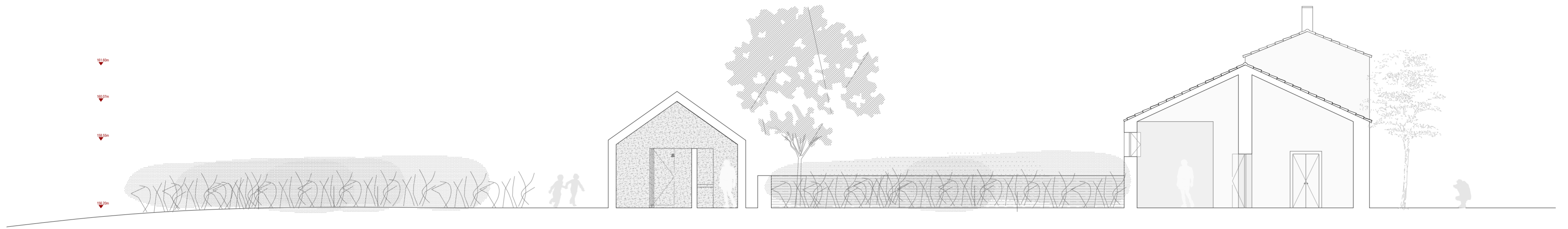
Planta do conjunto

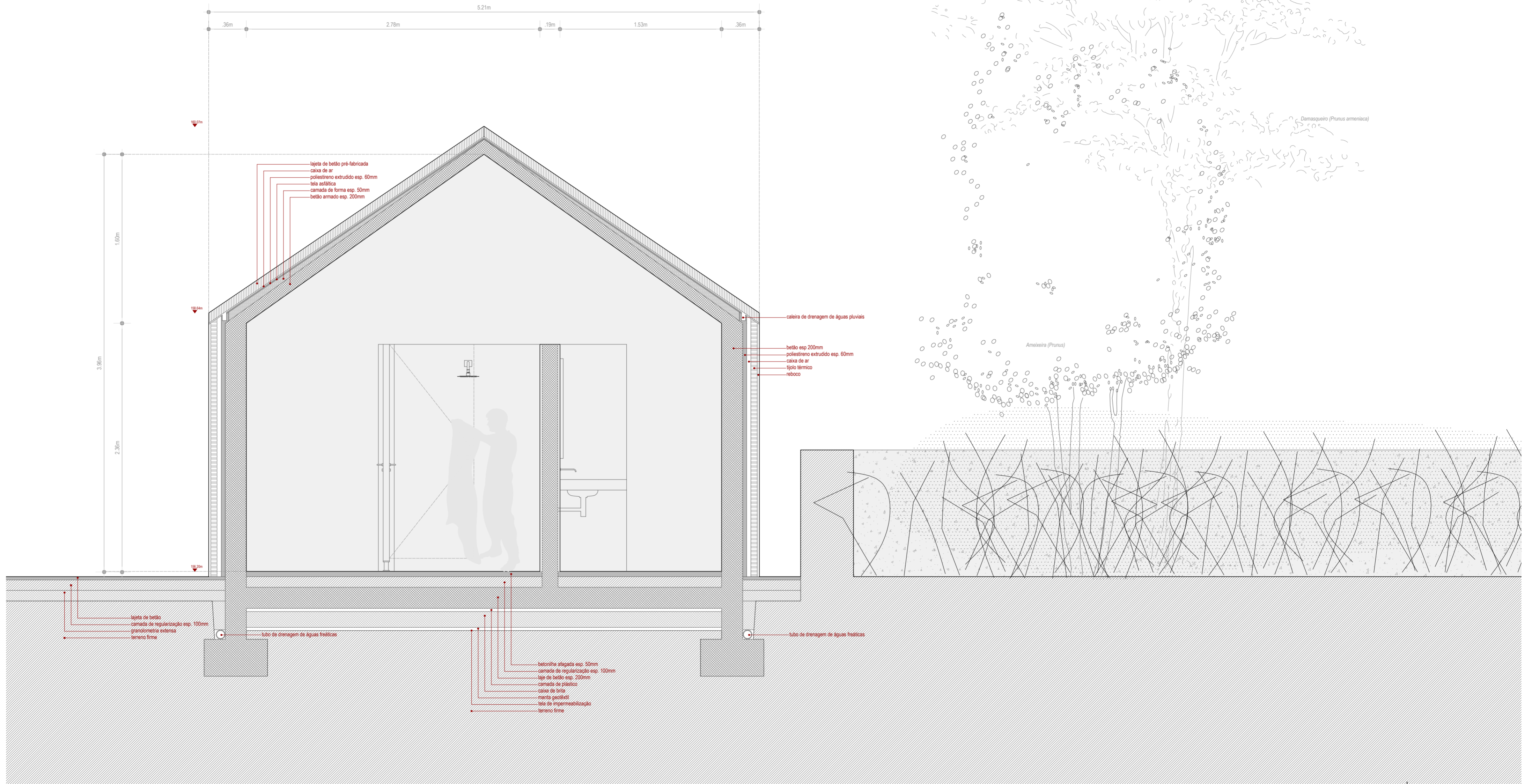


- 1. COZINHA 24,90m²
 - 2. SALA DE COSTURA 18,49m²
 - 3. ESTÚDIO 19,80m²
 - 4. SALA DE ARRUMADOS 15,64m²
 - 5. I.S. 4,02m²
 - 6. QUARTO 23,43m²
 - 7. TOILETE 2,54m²
 - 8. I.S. 2,06m²
- PERCURSO



Planta de interiores - Abrigo e Monte dos Pássaros





0 0.25m 0.75m

Corte Construtivo Abrigo

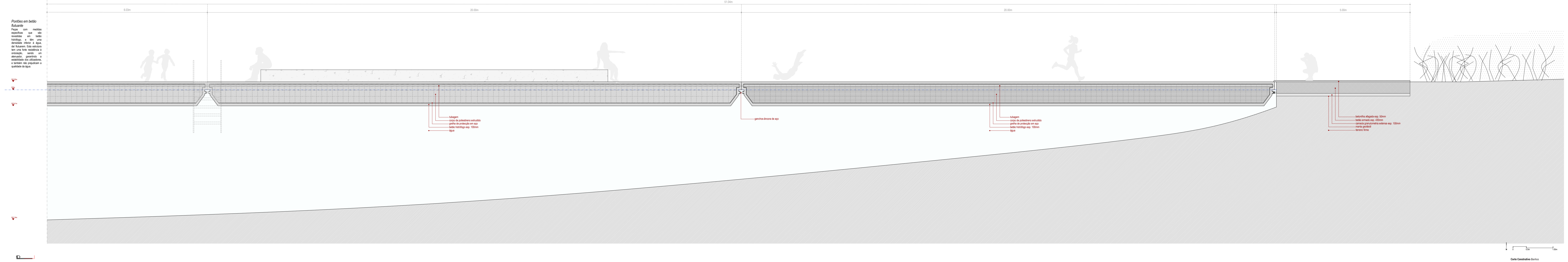




Fig. 062 Alqueva, paisagem que muda povo que espera © Miguel Proença

© Miguel Proença

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a transformação do território do Guadiana foi apenas um começo para o desenvolvimento da contextualização do tema do Alqueva. O problema real associado aos impactos causados pelo projecto da barragem está distante da informação descrita. A informação científica e técnica é pertinente, mas enquadra-se apenas no entendimento da temática de uma forma superficial, sendo necessário um empenho físico em todo este território.

A Aldeia da Luz foi seleccionada para desenvolver uma intervenção estratégica por apresentar um roll de memória e polémica muito fortes. A estratégia de projecto gerou-se a partir deste propósito, assumindo que mais do que recuperar uma margem obsoleta, por forma criar espaços de relação entre o homem e a água, pretende-se enfatizar a particularidade do lugar e o que o define, aceitando tal e qual como ele é.

Não excluindo a pesquisa inicial e as visitas de campo, a estratégia conceptual só se conseguiu definir através do envolvimento físico com o lugar e a empatia com a população da Luz para perceber o que a caracteriza. O projecto desenvolvido para a Aldeia da Luz, procurou criar uma dinâmica na relação entre a comunidade e o plano de água, mas a sua colocação e disposição permite um conjunto de possibilidades, que é propício implementar nas restantes aldeias ribeirinhas. Esta oportunidade evidenciaria o potencial do lago do Alqueva e tornaria o projecto exequível.

Ao longo desta dissertação, com todos os avanços e recuos, as decisões existem se demonstrarem uma reflexão crítica e uma abordagem de acordo com um determinado sítio que tem um carácter próprio. Mais do que reflectir sobre uma antiga identidade, compete-nos impulsionar um novo propósito que acolhe esta nova realidade, e o torne útil não para as antigas, mas agora para as novas comunidades ribeirinhas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Teresa.

(2001) *Paisagem - Em busca do lugar perdido.*

AMADOR, Hélder Caeiro.

(2018) [RE]INVENTAR ALQUEVA, *Do turismo de luxo dos resorts à reinvenção de um lugar com identidade.*

AMARAL RODRIGUES, Luís Carlos Pacheco Madureira.

(2016) *A construção da paisagem através da ruína: Olhar o Alqueva.*

BASTOS, Cristina.

(2003) *Os usos sociais da água.*

BELO, Duarte.

(2014) *Guadiana 84-14.*

CARDOSO ASSUNÇÃO, Sónia Isabel.

(2017) *Impacto da introdução da albufeira de Alqueva no modelo de previsão AROME.*

CASQUEIRA, Fernando; ALVAREZ, Luís; ARBUÉS MOREIRA, Carlos.

(2007) *Aldeia da Luz. Memória da experiência de reinstalação.*

Direção de Serviços de Hidráulica e Engenharia Rural.

(1999) *Estudo prévio de emparcelamento rural da freguesia da Luz.*

EDIA.

(1999) *Mesa Redonda, A reinstalação da aldeia da Luz.*

EDIA.

(2001) *Diagnóstico Social da Aldeia da Luz relatório final.*

EDIA.

(1998) *A Memória da Luz relatório técnico-científico.*

EDIA e PARQUE EXPO.

(2003) *Plano Estratégico de Qualificação Urbana e Ambiental das Aldeias Ribeirinhas e das Albufeiras de Alqueva e Pedrogão relatório da fase 1.*

EDIA e PROCESL.

(1997) *Estudo de Impacte Ambiental da Nova Aldeia da Luz (Mourão).*

HOLL, Steven.

(2006) *Architecture Spoken.*

ITO, Toyo.

(1999) *Arquitectura de limites difusos.*

JACINTO, Úrsula.

(2009) *Aldeia da Estrela: Adaptação à nova condição*, dissertação de mestrado em Arquitectura na Universidade de Évora.

LIMA, Ana.

(2016) *Proposta de Valorização de Espaço Aberto Público da Aldeia da Luz.*

LYNCH, Kevin.

(1960) *The image of the city.*

NEMUS. (Dirigida por Prof. Pedro Bettencourt e equipa).

(2001) *Estudos de caracterização e diagnóstico - Plano intermíveis relatório intercalar parte 1.*

NEMUS. (Dirigida por Prof. Pedro Bettencourt e equipa).

(2003) *Estudos de caracterização e diagnóstico - Plano intermíveis relatório intercalar parte 2.*

NEMUS. (Dirigida por Prof. Pedro Bettencourt e equipa).

(2003) *Estudos de caracterização e diagnóstico - Plano intermíveis relatório intercalar parte 3.*

PACHECO, Pedro. MENDES, Rui. OLIVEIRA, Pedro.

(2014) *Alqueva, Paisagem como tema.*

PASSINHAS, Sara Gião.

(2017) *Monsaraz: O percurso da água.*

PINTO CORREIA, Teresa; CANCELA D'ABREU, Alexandre; OLIVEIRA, Rosário.

(2001) *Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental.*

REINO, João Pedro.

(2004) *A Barragem de Alqueva e a Aldeia da Luz - Uma Aldeia em 'Mudança'.*

SAMORA ARVELA, André Filipe.

(2013) *Alterações da paisagem decorrentes da construção da barragem de Alqueva: Cenários para 2025, 2050 e 2100.*

SANCHES, Rui. PEDRO, José Oliveira.

(2007) *Alqueva: empreendimento Fins Múltiplos.*

SARAIVA, Clara.

(2003) *Aldeia da Luz: Entre dois solstícios, a etnografia das continuidades e mudanças.*

SARAIVA, Clara.

(2005) *Luz e Água: Etnografia de um processo de mudança.*

SARAIVA, Clara.

(2007) *Mudança e água no sul de Portugal: A barragem de Alqueva e a aldeia da Luz.*

SARAMAGO, Susana.

(2015) *A nova realidade das margens do Alqueva, um mergulho na aldeia da Estrela.*

TELES, Sílvia.

(2013) *Habitar a Paisagem Alentejana - A particularidade do Monte.*

TELLES, Gonçalo Ribeiro.

(2004) *Jornal Pessoas e Lugares.*

VIEIRA SILVA, Bruno Gil.

(2018) *Ilhas do Alqueva, integração no território Alentejano.*

ZUMTHOR, Peter.

(2006) *Atmosferas.*

DOCUMENTÁRIOS

Aldeia da Luz:

MOURÃO, Catarina.

(2006) *A minha aldeia já não mora aqui.* 58min

PRAL, Pedro.

(2020) *Aldeia da Luz.* 1:23min

INSTITUIÇÕES

Arquivo da Câmara Municipal de Mourão
Biblioteca da Universidade de Évora - Pólo do Verney
Biblioteca da Universidade de Évora - Pólo dos Leões
Câmara Municipal de Mourão
EDIA (Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A.)
Núcleo de documentação da EDIA
Museu da Luz

VISITAS DE CAMPO

Foram realizadas três visitas de campo entre as seis aldeias ribeirinhas seleccionadas: Estrela - Luz - Mourão - Monsaraz - Campinho - Amieira, entre 2018 e 2019.

A primeira realizou-se em Fevereiro de 2018, a segunda foi realizada especificamente na aldeia da Luz em Maio de 2018 e a terceira foi em Março de 2019.

WEBSITES

arquivos.rtp.pt
earth.google.com/web
apambiente.pt
edia.pt
dgterritorio.pt
bing.com/maps
google.com/maps
bib.uevora.pt
patrimoniocultural.gov.pt
dspace.uevora.pt
musedaluz.org.pt
miguel-proença.com
sigims.edia.pt
arqueoluz.tripod.com
archdaily.com

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura/Página - Título da figura.

Fonte: Autor da imagem ou referência bibliográfica

Nota: As figuras presentes neste documento em que a fonte se designa como "autor desconhecido" deve-se ao facto da verdadeira fonte se ter perdido.

001/19 - Rio atingido pelo Lago Alqueva, paisagem como tema	021/56 - Castelo da Lousa Autor desconhecido	044/74 - Parque de Campismo de Abrantes, Portugal. Atelier Rua Archdaily
002/21 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	022/56 - Castelo da Lousa Autor desconhecido	045/74 - Hasle Harbour Baths, Dinamarca. White Arkitekter Archdaily
003/27 - Percurso até ao Cais Sofia Couto	023/57 - Ortofotomapa da Antiga Aldeia da Luz 1995 EDIA	046/74 - Kastrup Sea Baths, Dinamarca. White Arkitekter Archdaily
004/31 - Centro Náutico de Monsaraz Sofia Couto	024/57 - Vista aérea da Antiga Aldeia da Luz Autor desconhecido	047/74 - Ponte da Água, Alemanha. Ayse Erkmen Autor desconhecido
005/33 - Cais-ancoradouro do Campinho Sofia Couto	025/57 - Largo 25 de Abril Graça Matias	048/74 - Ponte de Moisés, Holanda. RO&AD architecten Archdaily
006/35 - Marina da Amieira Sofia Couto	026/57 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	049/74 - Ponte Flutuante Holandesa, Holanda. RO&AD architecten Autor desconhecido
007/37 - Casa na aldeia da Estrela Sofia Couto	027/57 - Aldeia da Luz Autor desconhecido	050/74 - Pontões Flutuantes, Itália. Christo e Jeanne Claude Archdaily
008/39 - Margens da aldeia da Luz Sofia Couto	028/57 - Castelo da Lousa (Aldeia da Luz) João Mendes	051/74 - Piscinas das Marés, Portugal. Arq. Álvaro Siza Vieira Archdaily
009/41 - Praia Fluvial de Mourão Sofia Couto	029/57 - Agricultura na envolvente da Antiga Aldeia Saraiva	052/74 - Molhes do douro, Portugal. Arq. Carlos Prata Archdaily
010/45 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	030/57 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	053/74 - Canal de nadadores, Bélgica. Atelier Bow-wow e Architectuuratelier Dertien 12 Archdaily
011/47 - Moinho Velho Autor desconhecido	031/58 - Ortofotomapa da Nova Aldeia da Luz 2017 EDIA	054/74 - Órgão do mar, Croácia. Arq. Nikola Bašić Autor desconhecido
012/51 - Banhos no Guadiana perto da ponte de Mourão Autor desconhecido	032/58 - Vista aérea da Nova Aldeia da Luz Elevo	055/84 - Largo 25 de Abril Sofia Couto
013/51 - Azenha dos moinhos, Serpa António da Silva	033/58 - Largo 25 de Abril Pedro Pral	056/85 - Museu da Luz Archdaily
014/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	034/58 - Igreja Elevo	057/86 - Monte dos Pássaros Pedro Pral
015/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	035/58 - Aldeia da Luz Pedro Pral	058/87 - Caminho para a Antiga Aldeia da Luz Sofia Couto
016/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	036/58 - Museu da Luz Archdaily	059/93 - Fotomontagem Equipamento Sofia Couto
017/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	037/58 - Agricultura na envolvente da Nova Aldeia da Luz Pedro Pral	060/95 - Fotomontagem Abrigo Sofia Couto
018/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	038/58 - Aldeia da Luz Pedro Pral	061/97 - Fotomontagem Banhos Sofia Couto
019/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	039/70 - Túneis Qanat Autor desconhecido	062/xx - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença
020/56 - Alqueva, paisagem que muda povo que espera Miguel Proença	040/70 - Margens do rio proveniente das cascatas Carolina Couto	
	041/70 - Banhos no rio Carolina Couto	
	042/74 - Piscinas das Marés, Portugal. Arq. Álvaro Siza Vieira Nicoló Galeazzi	
	043/74 - Hangar Centro Náutico, Portugal. Arq. Miguel Figueira Autor desconhecido	

ANEXOS

TEXTOS E IMAGENS

BELO, Duarte.
(2014) *Guadiana 84-14*.

Do convite para realizar uma exposição no Museu da Luz, Mourão, começa-se por fazer o levantamento das fotografias em arquivo do rio Guadiana, sobretudo entre Juromenha e Mértola, e da aldeia da Luz. Havia a memória, nalguns casos muito viva, de diversas caminhadas pelas margens do rio, ao longo de vários dias, em diferentes anos. As primeiras fotografias são de setembro de 1986. Corresponderem aos passos iniciais de um percurso onde a imagem fotográfica vai estar sempre presente, a par de um forte desejo de representar Portugal, registar os aspetos mais significativos do seu espaço e arquiteturas para, a partir daí, reinventar um país, um território imenso, por tantos desconhecido. Estas fotografias iniciais são muito insipientes, mas nelas está a génese de um labor, quase de uma obsessão. Este conjunto de imagens, que aqui se apresenta, tem essa singularidade de abarcar quase todo o arco temporal desta recolha fotográfica sistemática do espaço e de um tempo português. Não que tenha havido uma preocupação antológica sobre uma atividade continuada, mas existe, tão só, uma coincidência. O Guadiana é um rio presente desde o início das maiores viagens feitas por um território que, sendo aparentemente pequeno, nos revela a imensidão, não apenas de um país, mas de muitos aspetos absolutamente fascinantes de um planeta vivo.

Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 7

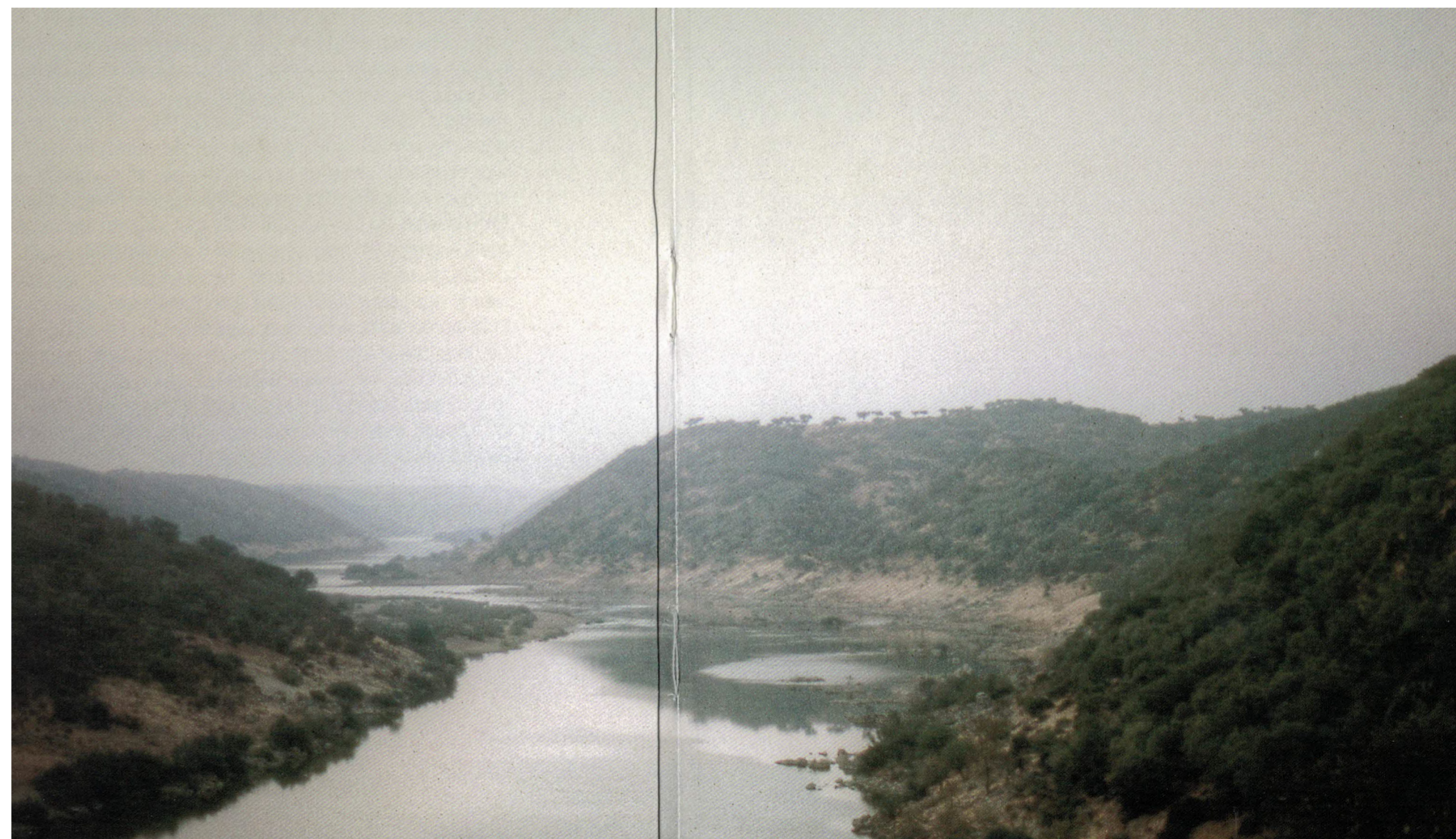


Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 8

1986. A primeira grande viagem e o início de uma vida de caminhadas e de descoberta do espaço português, com o objetivo de o descobrir na totalidade. A procura continuada de uma cultura, de um modo de construir e de uma relação com a paisagem.



Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 16

1992. Depois de partir de Juromenha com destino a Amareleja, regresso ao percurso feito seis anos antes, entre Serpa e Mértola. A paisagem encontrava-se muito semelhante ao modo como a vira no passado. O facto de não haver marcas de povoamento humano muito acentuadas mantinha o rio com a sua face de natureza intacta.



Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 24

1996. Visita, pontual, à aldeia da Luz e ao Castelo da Lousa. Esta deslocação enquadrava-se no desenvolvimento do projeto editorial e expositivo *Portugal - O Sabor da Terra*, que viria mais tarde a ser publicado pelo Círculo de Leitores e Pavilhão de Portugal, no âmbito da Expo'98, a Exposição Internacional de Lisboa de 1998.



Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 36



1997. Visita, pontual, ao Castelo da Lousa e ao Pulo do Lobo, para uma pernoita a ouvir a queda de água.



Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 38

1997-1998. Em dois tempos diferentes, com dois grupos de amigos, faço duas viagens, separadas por quinze dias, ao troço mais significativo do Guadiana, mais próximo de Alqueva, já com o objetivo de fazer o registo fotográfico das paisagens que iriam desaparecer com o enchimento da albufeira da barragem.

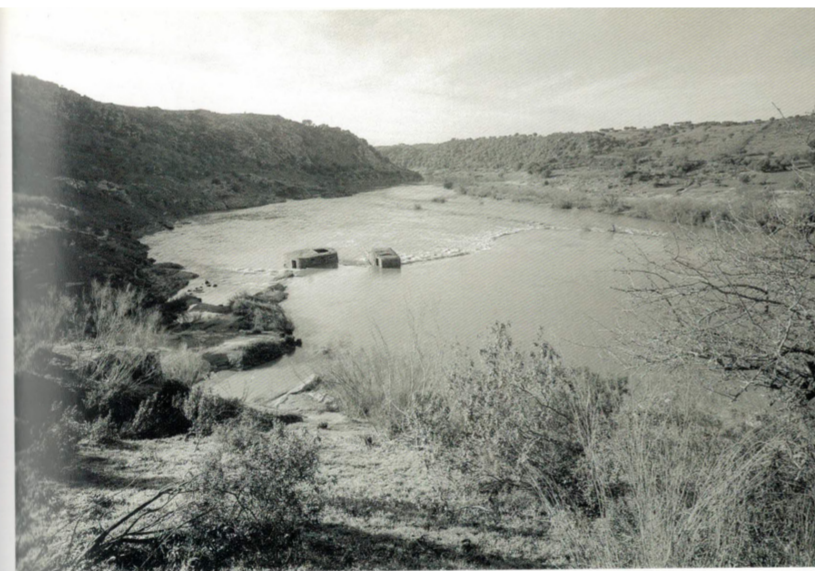


Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 40

1998. Algumas fotografias do Pulo do Lobo, ao fim da tarde, com caudal de inverno.

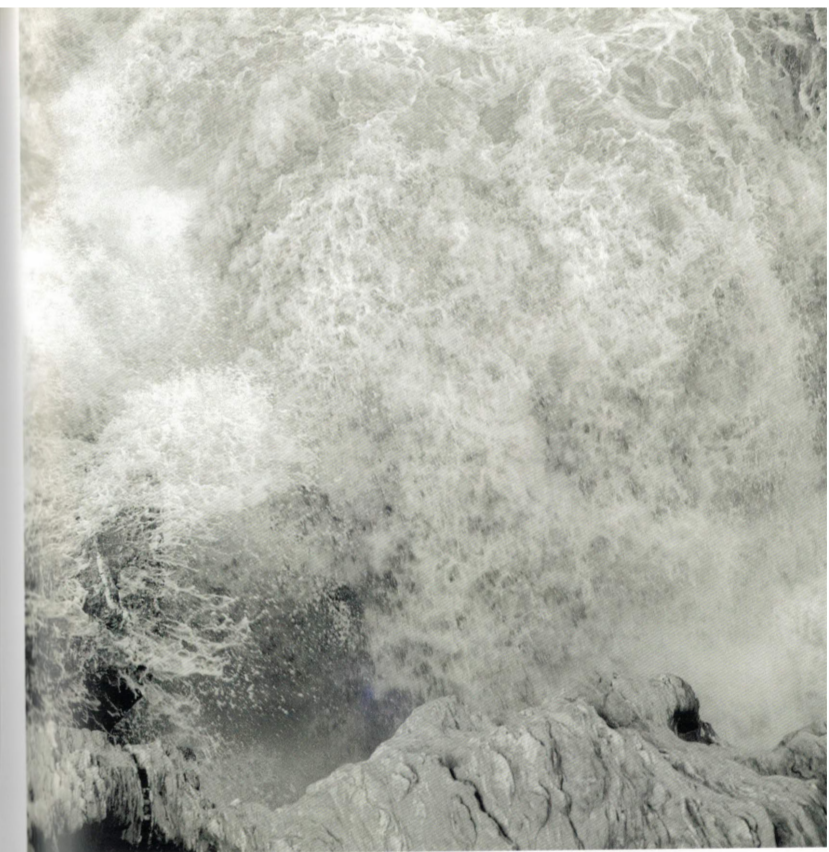


Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 58

2003-2004. Num levantamento fotográfico extensivo do património cultural e natural, em sítio, de Portugal, que viria a culminar na obra *Portugal Património*, Círculo de Leitores, são realizadas diversas viagens pelo Alentejo, pelo Guadiana, em diversos troços do seu curso.



Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 64

2010. Registo fotográfico de três herdades na área de Reguengos de Monsaraz, ao longo de um ano. Uma dessas herdades, Roncão del Rey, confina com as margens do grande lago do Alqueva.



Imagem do Livro *Guadiana 86-14*, pág. 70

Quando se percorrem a pé, demoradamente, as margens do Guadiana, fica gravada no nosso ser, indelevelmente, a experiência primordial da integração num mundo que nos transporta a um tempo imemorial. Talvez o tempo da consciência que começava a despertar numa espécie que se libertava de uma série de constrangimentos e iniciava, paulatinamente, o povoamento de todos os lugares de um planeta fascinante. Teremos desenhado, no dealbar do percurso, uma terra prometida.

1986-2014. Muito tempo passou sobre a primeira viagem ao grande rio do Sul. Muitas das paisagens então percorridas, de natureza intacta, desapareceram. Um grande lago, um, quase, mar interior, sobrepõe-se hoje às memórias de um rio liberto. A realidade é dinâmica e está em permanente mutação. Jogos de forças debatem-se. Os territórios humanos transformam-se, por vezes drasticamente. Olhamos serenamente o tempo que passou, o espaço que se alterou. Diante de nós temos o reflexo da nossa condição, de todas as possibilidades, também dos gestos que não realizámos. Edificamos com as nossas mãos hipóteses de futuro. Entre o céu e a terra caminhamos no desconhecimento do tempo vindouro. A evolução, a aleatoriedade, constroem a vida.

Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 77

2014. Já no enquadramento desta edição e exposição, há o regresso à nova aldeia da Luz, e às margens do grande lago, no local próximo de onde se localizava a antiga aldeia.



Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 78

Quase trinta anos passaram sobre a data em que partia para Serpa, para descer a pé, com um grupo de amigos, o grande Guadiana, rio de caudal muito variável. O que pode significar esse tempo na vida de alguém? Aqui há um rio que é quase como um fio condutor entre paisagens, lugares, arquiteturas, a construção de um mundo. As fotografias são a tentativa de fixação de um certo espírito dos lugares. Mas essa natureza é profundamente esquiva, não apenas pelo seu próprio carácter de permanente mudança. Muitas vezes basta a alteração de luminosidades para tornar os lugares quase irreconhecíveis, mas, pela ação do homem, a desconfiguração das paisagens é, por vezes, muito inquietante. A construção da barragem do Alqueva alterou profundamente a leitura do território no espaço abarcado pela sua albufeira. O grande lago apagou um tempo arcaico. Permanecem as memórias, algumas das quais, por diversos motivos, não se partilham, ficam as fotografias de um tempo que passou. Estava habituado a acompanhar as mudanças na paisagem portuguesa, quase sempre pontuais, mas havia, de qualquer forma, um tempo marcado pelo acrescentar de desenho a tudo quanto se fazia, como se se quisesse apagar as marcas das paisagens naturais, ou mesmo de um certo sentimento de pobreza que as acompanhava. Havia, de facto, um Portugal pobre e antigo que se procurava esquecer, suplantado, fazer desaparecer. Mas ali tudo era diferente. Em terras de secura evidente surgia um enorme mar interior. Havia um sentimento de estranheza para quem percorria agora aqueles lugares, tendo-os conhecido no passado. No silêncio do grande lago, para quem no passado conheceu um rio livre sobre o seu leito, hoje continuará a ouvir as suas águas a correr na direcção do mar.

No dia 7 de maio de 2014 é iniciada a montagem da exposição. Ao fim do dia há o caminhar pelas ruas da aldeia, que continua na madrugada seguinte. Concluída a montagem, avançar, de novo, para o rio.

Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 103



Imagem do Livro Guadiana 86-14, pág. 104

Chegava ao Pomarão a meio da tarde do dia 8, para aí iniciar uma caminhada até à Mina de São Domingos. O Pomarão era o antigo porto fluvial para o escoamento do minério explorado na mina que havia sido a maior da península ibérica. Uma ligação ferroviária unia os dois pontos. Hoje permanece no solo, vestigial, essa obra humana. A linearidade deste itinerário evoca o grande rio, mas aqui tudo é diferente. No início do percurso há um conjunto de túneis. Mergulhamos na escuridão profunda, no frio de um dia quente.

Pelas margens do rio, pelo trilho ferroviário, por todas as paisagens. Uma viagem ininterrupta. É impossível parar.

Imagem do Livro *Guardiana 86-14*, pág. 113



Imagem do Livro *Guardiana 86-14*, pág. 118

